

ZINES NO CÁRCERE

JÓ FEITOSA

JOÃO FRANCISCO AGUIAR

THINA CURTIS

MÁRCIO SNO



Zines no cárcere

Jô Feitosa, João Francisco Aguiar
Thina Curtis, Márcio Sno



Marca de Fantasia
Paraíba, 2020

Zines no cárcere

Jô Feitosa, João Francisco Aguiar
Thina Curtis, Márcio Sno

2020 - Série Quiosque, 61



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade
da Associação Marca de Fantasia (CNPJ 09193756/0001-79)
e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais
do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: Fabio Maciel
www.fmaciел.com

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610,
sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores
ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-21-8

Sumário

- 5. **Apresentação: Zines no cárcere.** Márcio Sno
- 8. **Dia de fanzine.** Thina Curtis
- 20. **Fanzinando entre grades.** João Francisco Aguiar
- 31. **Fanzines intramuros.** Jô Feitosa
- 42. **Memórias do cárcere.** Márcio Sno
- 45. **Notas do submundo:**
depoimentos selecionados dos zines produzidos
nos presídios sob orientação de Jô Feitosa



Zines no cárcere

Márcio Sno

Em junho de 2019, estava em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, participando da Feira do Livro no Sesc local, com oficinas de quadrinhos. Aproveitei para participar de um evento de publicações independentes, que estava dentro da programação da Feira, a convite do Coletivo Z, que realiza várias atividades envolvendo zines na cidade e adjacências.

Em um dos dias, após a jornada de trabalho, me encontrei com o Professor Jofra, para tomarmos um chopinho e falarmos sobre coisas da vida. Claro que os zines sempre apareciam no meio dos assuntos. Num determinado momento, falei sobre o trabalho da Jô Feitosa (que eu havia conhecido em Fortaleza no ano anterior) dentro de presídios no Ceará. Para minha surpresa, Jofra comentou sobre a sua experiência em presídios também desenvolvendo o trabalho com zines. A partir daí, minha cabeça começou a pirar, pois isso renderia muitas histórias boas, afinal, é curioso um veículo de comunicação que estimula a liberdade de expressão, sendo produzido por pessoas privadas de liberdade.

Outro nome que veio, quase que naturalmente, foi de Thina Curtis, que já conhecia há muito tempo e ela já contou um pouco de sua experiência no meu documentário *Fanzineiros do Século Passado*.

Com isso, minha missão era falar com Henrique Magalhães, para saber se ele topava editar essa ideia e ele, de pronto, aceitou, mas comentou que estava priorizando editar publicações virtuais. Como

o desejo era um material físico, deixamos o projeto em *stand by*. Um tempo depois, quando participei de uma feira em Joinville, conheci pessoalmente o Maikon Jean Duarte, que se interessou pelo projeto e se disponibilizou em publicar pela sua editora Entremares.

Nesse meio tempo, fiquei trocando textos com os educadores, provocando e apontando o que poderia ser melhor explorado, sempre com o intuito de extrair o máximo que pudesse das experiências dos três.

Só depois de concluir os textos com os relatos que fui conferir os zines que a Jô Feitosa produziu com suas turmas. E foi aí que tive o segundo grande estralo nesse projeto: muitos dos textos desses zines precisavam vir à tona, pois tratam-se de relatos muito interessantes que nos faz sentir mais próximos da realidade que os zineiros passaram. Falei com a Jô, que me autorizou publicar os textos.

Com a pandemia tudo mudou. O futuro ficou incerto e os planos mais a longo prazo ficaram sem uma perspectiva de se tornarem reais. E o projeto desse livro está dentro desse perfil. Iria lançar por meio de financiamento coletivo, o *crowdfunding*. Mas aí eu entrei numa crise: “se eu, por ser profissional autônomo, não consigo ajudar a financiar projetos de amigos, com que cara eu vou sair por aí pedindo para que ajudem a bancar o meu?” Então, precisei engolir a realidade e assumir que o projeto de livro impresso não será possível no momento. Porém, não é certo que um projeto desse fique engavetado por um tempo indeterminado até que as coisas se normalizem. Se as coisas se normalizarem.

Voltei a falar do projeto com Henrique Magalhães e ele, imediatamente, se interessou em lançar virtualmente pela Marca de Fantasia. E cá estamos.

Sabemos que a bibliografia sobre zines no Brasil é bem escassa e creio que essa seja a primeira publicação a tratar dessa relação de oficinas de zines com pessoas privadas de liberdade. Então, modéstia à parte, creio que esse material é de grande importância para quem quer saber um pouco mais da realidade carcerária; como é promover um veículo de comunicação que preza pela liberdade de expressão em regime fechado; e como é desenvolver um projeto educativo em um ambiente complexo.

Por ser um conjunto de relatos, para o desenvolvimento dessa publicação não foi utilizada nenhuma referência bibliográfica ou teórica. Tudo foi feito da maneira mais natural e orgânica possível, para que o leitor se envolva mais nas histórias.

Acho que já chega de falar, pois tem muita história boa esperando nas próximas páginas! E você não vai precisar ser revistado antes de entrar nesse universo.

Dia de fanzine

Thina Curtis

Fui convidada por uma conhecida para ministrar oficinas de fanzine em um projeto de arte-educação, mas não sabia bem o que era, mas queria um trabalho formal. O zine era só um hobby.

E os fanzines são assim: eles vão circulando, chegam em locais que nunca podemos imaginar. Chegou até mim.

Me ligaram, agendei a entrevista e fui. Atravessei a cidade do ABC ao Centro de São Paulo, que é uma caminhadinha. Fui super bem recebida pelo Rodrigo Medeiros, o então coordenador do Projeto Arte na Casa.

Pra minha grande surpresa, chegando na sala para entrevista, estava ali na mesa um fanzine que edito, o *Spell Work*, e ele foi justamente o que posso dizer de “meu currículo de apresentação” por seu formato variado.

Fui a primeira entrevistada e primeira educadora contratada para o Projeto.

O coordenador explicou o Projeto e a única coisa realmente diferente pra mim seria trabalhar na medida socioeducativa. Nunca tinha ministrado oficinas nesse ambiente embora já tivesse feito algumas atividades na antiga FEBEM¹. Muitas unidades tinham o hábito de só ter, por exemplo, pintura em tela e violão. Eu cheguei

1. Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor, criada em 1976 para atender adolescentes em conflito com a Lei.

no momento de transição da FEBEM para um novo formato que era a Fundação CASA² e, muitos funcionários ainda davam cursos de crochê, pintura.

O fanzine também era uma novidade no Projeto e houve muita dificuldade para ser implantado nas unidades que não queriam saber “dessa história de jornal”. Imagina “dar voz e expressão para bandido?” Foi o que eu ouvi por um bom tempo.

Isso quando entendiam a oficina, pois muitos achavam que era algo direcionado à moda, por conta das colagens. Achavam o nome engraçado e a maioria achava que “Fanzine” era meu nome e, assim, foi até meu último dia nas unidades.

Eu não sabia exatamente para onde estava indo e no que ia dar: simplesmente fui. Peguei o trem e segui para zona leste de Sampa.

Minha primeira oficina foi na unidade de Itaquera que, na época, estava sendo inaugurada (inclusive, muito tempo depois, construíram o estádio do Corinthians ao lado do terreno). Cheguei na unidade de muros tão altos que não se vê ou se sabe nada do que tem lá dentro. Ao lado somente mato e mais mato.

Apresentei o RG, me identifiquei e aguardei liberação de entrada. Passei pela revista, guardei meus pertences e subi. Penso que só aí já seria motivo pra muita gente desistir: é desconfortável pensar em passar por isso para trabalhar. Mas é o sistema, é assim que funciona.

A porta de aço bate e fecha e você nunca mais esquece desse som. Nem todo mundo retorna o seu “bom dia”. É vida que segue.

Me programei, fiz meu planejamento de aula pro mês, levei vários fanzines. Eles não tinham muitas atividades ainda e lá estava eu. A

2. Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, criada em 22 de dezembro de 2006, o então governador Cláudio Lembo sancionou a Lei 12.469/06, que criou a Fundação CASA.

área de pedagogia me recebeu e, quando separava material, veio a primeira indagação:

– Professora você vai entrar com esse material com esses símbolos? Essas coisas aqui não podem.

Eram alguns símbolos de anarquia, muitos zines e quadrinhos de colagem com charges “políticas”, enfim, nada, na verdade, que ninguém não veja diariamente em jornais e mídias. Fui convidada a guardar no armário e pegar depois. Dos zines que levei, poucos entraram.

Primeira lição: você tem que improvisar e dominar muito bem o que faz, porque se não conseguir, não vai dar aula.

Ok, vamos entrar. Contagem de todo material antes de entrar. Entramos na gaiola pra adentrar ao pátio e à sala de aula. Novamente o som do portão de aço. Agora grades e aquela fechadura que fica na mente nunca mais sai.

Na porta, do lado de fora, o segurança e, numa cadeira do lado de dentro, um apoio pedagógico. Formalmente me apresentei e, como mandam as normas, falei sobre os fanzines. Dos vinte jovens, houve interesse de alguns pelos quadrinhos outros olharam pros zines e para os funcionários meio desconfiados. A maioria não queria falar nada.

Segunda lição: você pode ser a pessoa mais estudada, inteligente, mestre no que faz, mas se não tiver empatia, você não vai conseguir desenvolver sua atividade.

Pedi pra mudar as cadeiras que estavam como nas salas de aula de escola: um atrás do outro, e fizemos um círculo. Comecei novamente, dessa vez do jeito como eu sou:

– Eu sou Thina Curtis, fanzineira, poeta, nasci no ABC e também morei em Sapopemba³ e vim aqui compartilhar com vocês um pouco

3. Região da zona leste da cidade de São Paulo.

da minha história. Sou mãe de 4 filhos, vivo do meu trabalho, amo o que eu faço.

E falei um pouco das experiências de onde cresci. Não dei conta de responder a tantas perguntas. Umás ficaram anotadas para a próxima oficina. A maioria queria saber de qual quebrada⁴ eu era, quantos anos tinha e porque tinha escolhido dar aula na “Feba”.

Depois quis saber um pouco de cada um: nome, sobrenome, apelido, quebrada, o que gostava de fazer, planos, sonhos. O semblante dos meninos era outro: mais leves, curiosos, atenciosos – embora ainda muitos desconfiados. Ainda não se sentiam muito à vontade de falar sobre si, olhavam para os funcionários, mas queriam fazer a atividade.

Quando iniciamos de fato, houve muitas piadas a respeito do curso. “Esse negócio de cortar papel qualquer um faz”, “revistinha é coisa de menininha” (na época eu só trabalhava em casas de meninos) e muita dificuldade de mediação para a atividade poder acontecer sem problemas.

Segui falando sobre a importância da informação a partir da arte rupestre e que nossa primeira escrita, na verdade, foram os desenhos. Os meninos se identificaram com imagens e textos que levei e, então, fomos montando textos, colagens, ilustrações.

Muitos meninos tinham vergonha porque queriam fazer, mas não sabiam ler: estavam aprendendo lá também. Sempre deixei bem claro que isso não era um problema, pois haviam várias formas de participar e, assim, um ajudava o outro. Isso fortaleceu nossas oficinas porque acabava o *indivíduo* e iniciava o *coletivo*, embora fizéssemos também muitas atividades individuais.

4. Bairro ou região periférica onde a pessoa mora.

Na verdade, penso que, independentemente de estar no cárcere, existe muita dificuldade de a Educação compreender a Arte. Penso que deveria, antes de enviar as oficinas aos jovens, serem oferecidas obrigatoriamente aos funcionários que acompanham tanto na parte educacional, quanto na segurança. Talvez, com isso, houvesse mais respeito. A maioria sempre odiou oficinas culturais, justamente pela identidade dos jovens com a Arte e com os educadores. Porém, também tive a sorte de contar com algumas pessoas que eram parceiras nas unidades e a atividade fluía. Fácil nunca foi, inclusive para funcionários que também queriam que as atividades fossem boas. Usando o vocabulário do sistema: eram “arrastados” também.

A maioria dos funcionários não entendia as necessidades artísticas e pedagógicas. Em alguns momentos, o problema era estrutural: já dei oficina no pátio com outros jovens assistindo TV – porque não havia sala – e também em corredores, até no chão pois, além de não ter sala, faltavam mesas e cadeiras. Em uma unidade o material da oficina foi furtado.

Funcionários de segurança queriam se intrometer nas aulas. Às vezes, os do pedagógico não gostava das propostas, mesmo sendo apresentadas e aprovadas antes pela coordenação. Houve funcionário que não gostava da oficina porque os jovens se identificam e diziam que bilhetes saiam da oficina, sendo que os jovens passavam por revista antes e depois de sair da aula. Em todas as situações eu tentei resolver dialogando com os jovens, toda a equipe de segurança e pedagógica e, algumas vezes, com a coordenação da ONG para a qual eu prestava serviços⁵.

5. A ONG para a qual Thina prestava serviços, atuava com projetos socioeducativos na Fundação CASA.

Volta e meia tinha problema porque os funcionários não gostavam de charges, de alguns textos por serem críticos demais. Não gostavam quando cantavam porque muitos internos eram compositores e, na verdade, tudo que os meninos gostavam, e se identificam era motivo pra ser usado como moeda de troca, usar como castigo de não ir caso acontecesse algo, de cancelar a aula caso houvesse alguma situação. Entre tantas coisas, a gente aprende que nesse lugar se “pisa em ovos” e “senta em vidraças”.

É tudo difícil, se perde muito tempo “apagando incêndios” desnecessários. E tudo reflete na oficina, nos jovens e, principalmente, no educador que, no caso, é o “estranho no ninho”, então, qualquer coisa que acontecer, é culpa do educador. É um lugar cheio de indivíduos frustrados, insatisfeitos e com raiva, fazendo coisas frustrantes e forçadas. Se convive com pessoas te olhando torto, também com indiretas e perguntas como: “o que faz você vir aqui dar aula pra bandido?” Você se torna e é visto como um marginal também. Sendo mulher, a coisa vai muito além. É necessário ter um posicionamento firme de conduta e atitudes. Saber verbalizar e agir. Impor respeito e, ao mesmo tempo, confiança.

Descobri que as oficinas eram impostas na maioria dos lugares e nem sempre os jovens escolhiam o que queriam fazer. A princípio não entenderam a oficina, muitos não queriam fazer porque queriam esportes, cursos profissionalizantes. Aos poucos, fui entendendo como funcionava essa urbe invisível que não para. As oficinas duravam três meses. Parece muito tempo, mas voou. Uma hora e meia de oficina pensando que você precisa contar material na entrada e saída, aguardar os jovens, muitas vezes de outras atividades, é pouco. Porém, em alguns dias, a hora parecia não passar de tão pesado era o clima.

Esses três primeiros meses me serviram de aprendizagem. Vamos com uma ideia e lá é outra coisa, outra realidade. A Fundação CASA é um mundo paralelo, um enigma, cheia de simbolismos, paranoias e regras próprias. As coisas funcionam no momento, no imprevisto, no olho no olho. Palavra dada é cobrada e o papo é reto. Penso muito sobre minha passagem por lá desde então.

A maioria dos jovens na medida tem algo em comum: negros e pardos, periféricos, famílias desestruturadas, abusos e violência doméstica na infância, pais alcoólatras, muitos criados por avós, tias, madrinhas ou, ainda, na rua ou em abrigos. Baixa escolaridade, pouca perspectiva de vida, uso de drogas associado às primeiras experiências de encarceramento. Muitos já eram pais, embora a pouca idade, pois não se preveniam, não tinham noção das doenças. E eram totalmente machistas e preconceituosos. As meninas, além de submissas, tinham uma fala machista de doer.

Um dia, tivemos uma aula muito difícil em uma unidade da Vila Maria e um aluno, com crise óbvia de ansiedade, misturado a tantas situações do cotidiano, olhou pra mim e disse:

– A senhora não tem noção do que é esse lugar. Não aguento mais a prisão, esse lugar é um inferno!

Estávamos falando sobre a importância do pensar, da liberdade de expressão. Eu não tive palavras pra dirigir ao jovem. Fiz um poema ali, enquanto tentava pensar em algo. E pedi pra um dos meninos ler. O poema falava que não importa o quanto corpo esteja aprisionado, a mente é capaz de voar longe. E também que ninguém sabe a dor da outra pessoa. O texto foi tão intenso que muito dos meninos vieram às lágrimas. Um dos meninos mais descolados da turma, daquele tipo de conciliar, soltou uma piada:

– Caraca, profe! E a senhora nem tá presa!

Rimos todos juntos e, dali, fizemos a reflexão de como é importante respeitar o outro, de olhar mais pelo outro, de se colocar no lugar do outro: todos temos dores, tristezas e formas de lidar com ela.

A violência psicológica muitas vezes dói mais e deixa mais cicatrizes que a física. Os meninos querem ser ouvidos, querem se expressar, muitas vezes não tinham como.

Cada turma se desenvolve de um jeito e as coisas foram acontecendo a ponto que meus alunos do Complexo Vila Maria, em sua grande maioria, ficavam comigo não só o ciclo, mas até sair a LA (liberdade assistida). E tinha até uma lista de espera para entrar na oficina. E isso facilitava o vínculo, a atividade. E os novatos eram recebidos pelos mais velhos com essa letra:

– Essa aula é procedência, irmão. Se não for pra somar, some!

Creio que foi um trabalho de tirar água de pedra. Aprendi a olhar mais, escutar e depois propor trabalho/atividade de fato. Nunca tive problemas pra desenvolver a atividade com os jovens, pelo contrário: dialogávamos, pensávamos nas pautas e atividades dentro de um projeto para o ciclo de três meses.

É necessária muita estabilidade emocional para suportar tanta coisa dentro do sistema carcerário. Por outro lado, foi uma satisfação inarrável de afeto, carinho e possibilidade e, por incrível que pareça, muito respeito também por parte dos jovens e de algumas famílias.

A exemplo disso, fora do sistema carcerário, encontrei muitos meninos e meninas. Os meninos vinham sorridentes gritando: “Dona Fanzine!” E ficavam sem saber se me abraçavam ou apertavam a mão – devido às leis internas –, mas sempre muito afetuosos. Encontrei alunos em outros espaços que ministrei oficina também, próximo aqui de casa, na rua, enfim, até hoje, volta e meia, encontro alguém.

– Como senhora está? Suave? – é sempre a forma que cumprimentam.

– Manda um salve pros das quebradas lá!

Encontrei algumas meninas também, elas já abraçavam, beijavam, contavam as novidades. Fui em formatura de ex-aluno, batizado, casamento, apresentação de música... Encontrei jovens na Rua Augusta⁶ e no Centro. Vários aqui, pela região de São Mateus.

Alguns voltavam na porta da unidade ou enviavam alguém da família pra me dar chocolate e agradecer pelas aulas e carinho. E isso foram muitas vezes. Também por meio de cartas para outros meninos ou telefonemas para a assistente social e psicóloga, me enviavam mensagens de carinho e agradecimento.

Todas as unidades e atividades foram importantes para mim, mas ter a oportunidade de ser a primeira educadora cultural na Casa das Mães e trabalhar com mães, gestantes e bebês, foi um momento de parar e refletir tudo sobre a maternidade, ser mulher, o machismo, a estrutura familiar, a infância e sua vulnerabilidade social.

Acompanhei a gestação da maioria e, depois de algum tempo, com os bebês que vinham participar da atividade – que foi repensada por mim para as mães participarem com eles.

Tive uma aluna em especial, para a qual dei oficina desde que descobriu a gravidez em outra UIP⁷. Ficou lá até sua bebê comemorar três anos, fizemos festa de aniversário, acompanhamos ela andar, as primeiras palavras... Acompanhei todo o processo da menina/mulher se tornar mãe.

Foi gratificante a empatia e o envolvimento das meninas com a oficina até porque falávamos sobre todo o universo feminino.

6. Rua que cruza a Avenida Paulista, conhecida por sua movimentação cultural e boêmia.

7. Unidade de Internação Provisória.

Sempre levei outras modalidades pra fazer intervenção nas minhas oficinas até para elas entenderem o que eram as outras artes (lá elas ficavam isoladas). Com isso, foi possível prestigiar a emoção dos bebês quando o educador de circo se apresentou. Foi de uma emoção única: riam, batiam palmas e as mães-meninas, de olhos brilhantes, aplaudiam.

Houve outro momento especial, quando meus alunos da Fazenda do Carmo foram lançar seus fanzines no Sarau do Sérgio Vaz⁸ na Biblioteca Monteiro Lobato (região central da cidade). Os meninos lançaram zines, autografaram e, ainda, participaram do sarau. Foi emocionante ver eles, ali, interagindo, mostrando suas músicas, poemas, charges se sentindo e junto com artistas que fazem parte do circuito das quebradas.

Em uma outra oportunidade, fomos à FAAP⁹ na exposição de os-gemeos¹⁰, que foi emocionante olhar e sentir a emoção de cada um ali descobrindo a Arte. Depois veio a animação na aula, pois queriam falar sobre tudo o que viveram. A partir dessa vivência, foram participar de aulas de graffiti.

Encerrei esse trabalho por conta do desgaste emocional, físico e porque o transporte público acaba com qualquer um: eu ia muito longe em várias unidades, em extremos, num só dia. Chega uma hora você precisa respirar também: é muita coisa errada que você vivencia e é um lugar precário de estrutura e valores. Você tem que “se virar nos 30” o tempo todo.

8. Poeta, fundador do Sarau da Cooperifa, na zona sul da capital paulista.

9. Fundação Armando Álvares Penteado, tradicional universidade paulistana que também recebe importantes exposições de Artes.

10. Dupla de grafiteiros paulistas formada pelos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, reconhecidos internacionalmente.

O último dia foi de muitas emoções, alegrias e tristezas, porém saí de cabeça erguida e com o coração leve de missão cumprida.

Na Casa das Mães eu não consegui manter a emoção, pois tinha um vínculo muito forte de trabalho e com as meninas e os bebês. Chorei do início ao fim da despedida que tivemos, escolhi uma sexta-feira pra fazer um café, uma exposição dos trabalhos e entregar um certificado simbólico. As meninas me surpreenderam com uma apresentação de teatro. Todas em choro. Elas estavam vestidas de “Profe Thina”, com camisas xadrez e cabelos com crepom vermelho! Nunca chorei tanto como nesse dia, me senti sem chão, impotente, sem rumo. As meninas, funcionárias e bebês em choro e eu em prantos. Todas, depois da apresentação, me falaram uma palavra ou sentimento que aprenderam comigo. Só de escrever aqui as lágrimas e o aperto no coração vêm...

Com os meninos também quebramos o protocolo e todos vieram me abraçar, em fila, alguns de cabeça baixa, outros com lágrimas nos olhos, alguns sem acreditar. O que mais ouvi nesse dia foi: “a senhora foi a mãe que nunca tive”, “que sorte os filhos da senhora tem, queria ter alguém como a senhora como mãe”, “vai em paz, Dona Fanzine, que Deus abençoe a senhora e sua família”, “nunca ninguém olhou por mim como a senhora”, “ninguém me respeitou como a senhora”, “vai, Curintia!”, “esse lugar não é pra senhora, mesmo assim, a senhora foi um anjo que esteve aqui”, “e agora, senhora? O que vai ser desse lugar?”

Saí com palmas e um silêncio de dilacerar a alma.

Sei que, o pouco que pude oferecer, ficou para os jovens que passaram por mim. Infelizmente muitos estão no sistema novamente, já em presídio. Alguns conhecidos quando dão aulas nas unidades quando falam em fanzine, os jovens falam de mim, do trabalho e da Dona Fanzine.

A maioria descobriu os quadrinhos, a literatura marginal ali. Buzo, Sacolinha, Tubarão Dú Lixo, entre tantos outros eles leram

e conheceram. Muitos, pela primeira vez, se sentiram capaz de ser algo ou alguém. De expressar o que sentia por meio de um poema, de uma ilustração, de uma colagem, de um graffiti. Soltar a voz e dar a letra pra quem está no mundão. Uma coisa eu sei: a maioria aprendeu a escrever direito uma missiva!

Dentro da oficina sempre houve diálogos e, em muitos momentos, parei as atividades para conversar e ouvir e creio que isso fez toda a diferença. Mesmo com dias mais tensos a atividade acontecia, e eu sempre entendi os meninos e meninas mesmo sem falar, porque o olhar dentro do sistema vale mais que mil palavras.

O impacto dessa experiência em minha vida foi enorme. Me fez refletir de como é bom ser e estar livre. De como é importante viver a vida, de aproveitar as oportunidades. De como precisamos de pouco pra sermos felizes. De como pequenas coisas e ações fazem a diferença. Que a família é a base de tudo. Caráter é a maior riqueza. Ser franco e autêntico em qualquer lugar. Nunca prometer o que não pode cumprir. De como é bom estar junto com as pessoas que amamos. A importância dos valores, da empatia e da resiliência. O quanto a desigualdade social mata milhões diariamente de várias formas. Como a Educação transforma e muda as realidades e pessoas. Ninguém sabe e vê a realidade que está ali do outro lado dos muros e grades. De como é importante a minha figura para meus filhos. De como é importante ouvir as pessoas e aprender com elas. Que a Arte rompe e ultrapassa muros e grades.

Às vezes só precisamos de um lápis e papel para dar início à vida e aos sonhos. Aprendi mais que ensinei. Entrei Elaine Cristina Educadora e saí Dona Fanzine Educanda.

“Dedicado a Luis Mendes, grande escritor do cárcere”.

Fanzinando entre grades

João Francisco Aguiar

Em 2002, o governo de São Paulo inaugurou várias unidades prisionais no interior do estado, construídas especialmente para a desativação da Casa de Detenção de São Paulo. Duas delas próximas a minha cidade, Serrana. Um amigo, certa vez, durante um ensaio com a banda na qual eu tocava bateria, comentou que havia conseguido um estágio como educador em uma dessas unidades. Eu estava no primeiro ano da faculdade de Letras e fiquei motivado a também viver tal experiência.

A Educação nas Prisões não era responsabilidade da Secretaria da Educação, mas sim da FUNAP – Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel”, vinculada à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP). Era essa fundação a responsável pela contratação de estudantes de licenciatura que quisessem atuar como educadores/estagiários no sistema prisional.

No ano seguinte, me inscrevi para o estágio, fiz a entrevista e comecei a estagiar numa dessas unidades. Lembro-me bem do primeiro dia em que adentrei uma prisão de verdade. Uma manhã de segunda-feira. Tinha sido chamado para preencher a vaga de um estagiário afastado pela direção por, segundo o diretor, não ter o perfil para trabalhar numa prisão de segurança máxima. Aquela conversa me deixou um pouco tenso. Afinal, o que aquele estagiário teria feito de errado? Ouvi todas as orientações do jovem diretor de educação que depois me acompanhou até o detector de metal. Fui orientado a

tirar todas as moedas do bolso, carteira, cinto, enfim, qualquer peça de metal e colocar sobre a mesa. Após passar duas vezes pelo portal com as mãos cruzadas no peito e ser revistado manualmente por um dos agentes prisionais, pude, enfim, me dirigir ao portão que dava acesso à radial, um grande corredor onde ficavam oito pavilhões. O terceiro era o da escola.

O diretor de educação me apresentou aos alunos da sala que antes era do professor afastado. Os educandos ouviram-no com atenção e respeito. Após a saída do diretor, o silêncio se intensificou e me senti mal com aquela recepção fria.

– E aí, moçada. Beleza?

Um dos alunos, debochando do cumprimento, respondeu:

– Tá vendo alguém de saia aqui, senhor?

A sala toda explodiu em uma gargalhada irônica.

Minhas primeiras semanas seguiram-se assim. Ninguém se negava a realizar as atividades propostas, mas minha relação com os alunos era cada vez mais fria.

Certa manhã, enquanto visitava os cadernos, percebi nas folhas vários desenhos e trechos de letras de rap. Vi naqueles desenhos e letras uma oportunidade de aproximação. Na manhã seguinte, levei vários dos meus fanzines para a sala de aula. Deixei todos os zines espalhados sobre minha mesa. Um aluno, que aparentava ser o líder da sala, se levantou e pegou um dos fanzines e começou a ler. Aos poucos todos os alunos fizeram o mesmo. Em pouco tempo, minha mesa estava vazia. Um aluno perguntou:

– O que são esses gibis? O senhor que faz?

Finalmente, encontrava um modo de quebrar o gelo com aqueles homens. Fui até a lousa e escrevi a história dos fanzines. Todos os alunos copiaram e fizeram perguntas. A magia começava a acontecer.

ções comigo. Não tinha apoio da escola para fazer cópias e o pouco que fazia ficava com os alunos. Jamais pensei que um dia, realizar ofizines¹¹ seria algo tão frequente em minha carreira de professor.

Em 2004, terminei meu curso de Letras e, conseqüentemente, meu estágio na penitenciária. Estava muito motivado pelo trabalho na prisão. Um professor da faculdade me orientou a procurar a Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto e me inscrever para dar aulas para jovens infratores da FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor).

Diferente da penitenciária, não seria um estagiário, mas um professor das salas, já que a escola da FEBEM que, em 2006, passou a chamar Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), era vinculada à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. O clima que encontrei nessa nova trajetória foi bem parecido com o que vivi nos primeiros dias na escola da prisão. Alunos desmotivados pelo sistema e que realizavam todas as atividades propostas de forma mecânica. Propus o trabalho com os fanzines do mesmo modo que fiz na prisão. Levei meus fanzines e espalhei sobre a mesa para que eles tivessem os primeiros contatos. Enfrentei, como na penitenciária, os mesmos desafios. Dessa vez com a coordenadora pedagógica que exigia o cumprimento fiel do planejamento e também com os agentes de Educação/Segurança que vigiavam minhas aulas e relatavam meu trabalho à direção como um modo de “matar aula” e gerar indisciplina. Foram várias as vezes em que tive que ir à sala da coordenação explicar no que consistia meu trabalho com cola, tesoura e revistas para serem recortadas.

Na Fundação CASA, tive apoio de uma professora de Artes que, além de me motivar, me ajudava nas oficinas. Por seis anos, traba-

11. Neologismo para “oficinas de zines”.

lhamos o projeto: “Voltar a ser...” com esses jovens. Cada grupo de alunos completava como quisesse o espaço com as reticências. Títulos como, “Voltar a ser criança”, “Voltar a ser feliz”, “Voltar a ser orgulho da família”, são alguns dos que me lembro com carinho e nostalgia.

Em 2013, as escolas das prisões foram vinculadas à Secretaria da Educação, foram abertas inscrições para que professores ministrassem aulas nas unidades prisionais do estado. Já estava lecionando em uma outra escola do estado, mas resolvi me inscrever, motivado pelas memórias.

Voltei a lecionar no sistema prisional em 2014. Na mesma unidade em que fiz meu estágio. Tudo estava bem diferente: outro diretor e um clima mais pesado. Professores desmotivados, a maioria estava lá porque não conseguiu aulas em outras escolas. Foi muito triste constatar isso nos colegas. Quando dizia que estava lecionando na prisão por minha vontade, me chamavam de louco. Essa volta foi mais difícil, não pelos alunos, mas pelo clima estranho entre os professores e os funcionários da unidade que estavam sempre a vigiar meu trabalho que era, no mínimo, curioso para eles. Claro, também encontrei professores parceiros, motivados e que apoiavam minhas iniciativas.

Todas as salas de aula tinham um monitor, um educando que já tivesse terminado o ensino médio e era responsável por auxiliar os professores naquilo que fosse necessário para o sucesso da aula. Conto com orgulho sobre dois desses monitores. Um com mais de cinquenta anos, preso há dez por homicídio, foi o primeiro educando a terminar um curso de licenciatura em Pedagogia numa unidade prisional no estado de São Paulo. O outro mais jovem, vinte e poucos anos, preso por tráfico de drogas. Além de também terminar o único curso superior, oferecido na modalidade Educação à Distância

– EAD dentro da prisão. Hoje, em liberdade, cursa a faculdade de Direito, em Ribeirão Preto.

Com a ajuda desses dois educandos, reiniciei as oficinas de fanzine com um novo projeto: Sentimentos de Muralhas. Os alunos eram diariamente motivados a produzir textos, pegar livros na biblioteca, discutir temas polêmicos e dar suas opiniões, respeitando sempre as dos colegas e depois registrar o resultado dessas reflexões em um fanzine. Com o tempo, o trabalho teve algum reconhecimento do setor de educação da unidade que passou a fazer cópias desses fanzines e exposições passaram a ser realizadas na escola.

Os alunos das outras salas não viam a hora de chegar ao Ensino Fundamental II e Médio para poderem ter aulas comigo e também produzirem seus fanzines. Infelizmente, os agentes prisionais não viam com bons olhos meu envolvimento com os presos. Segundo eles, minha conduta tão próxima aos educandos era contrária às práticas de segurança. Tentava ter um bom relacionamento com todos os funcionários da unidade, mas não deixava de perceber os olhares de desaprovação dos agentes com relação à minha conduta. O que importava para mim era saber que os educandos estavam aprendendo, se humanizando e convivendo melhor com a prática dos fanzines.

Não conhecia nenhum outro professor na região que trabalhasse oficinas de fanzines em sala de aula. Em 2015, na manhã de uma feira do livro de Ribeirão Preto, fui abordado por uma professora, colega de sala nos tempos da faculdade de Letras.

– João, daqui a pouco, na Sala Meira Junior, acontecerá uma palestra sobre fanzines. Você também faz, né? Vai ser com o Arnaldo Junior.

Arnaldo Junior?! Já tinha ouvido falar dele e do fanzine que editava nos anos 1990, o *Boca de Porco*. Continuei caminhando e

acendi um cigarro quando passava em frente ao Hotel Palace. Distráido com meus pensamentos, nem ouvi quando me chamaram pela primeira vez.

– Ei, você não é o João? Me ajuda aqui com uma caixa de fanzines!

Corri para ajudá-lo com os fanzines que estavam no porta malas do carro. Senti nesse momento que não estava mais sozinho. Entramos na Sala Meira Junior e fui apresentado ao seu filho Arnaldo Neto e ao jornalista Angelo Davanço. O pacto estava formalizado, a partir desse encontro faríamos muitas oficinas juntos, em escolas e eventos culturais.

Em 2017, o trabalho com os fanzines no sistema prisional atingiu seu ápice. O fanzine *Ser(tão) Desconhecido*, produzido com crônicas, poemas, desenhos e colagens de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e que abordava a construção da identidade sertaneja, seria exibido e distribuído na palestra “O uso das histórias em quadri-nhos e fanzines na sala de aula como instrumento e resgate da autoestima dos educandos”. Realizaria essa palestra ao lado dos parceiros,



Expressão poética nos fanzines

Arnaldo Neto, Angelo Davanço, Arnaldo Junior e Marluce Fagundes, integrando a programação da Feira do Livro de Ribeirão Preto.

Contei a novidade aos alunos, todos ficaram motivados com a notícia. Um deles comentou:

– Puxa, professor! Uma pena que a gente tá preso e não vai ver essa palestra do senhor.

Não pensei duas vezes: conhecendo meus parceiros como conheço, disse aos alunos:

– Verão sim. Não a palestra da feira, mas vou pedir autorização ao diretor de Educação e trazer essa palestra até vocês.

Nessa mesma manhã conversei com o diretor que aprovou a ideia. Naquela tarde, entrei em contato com os parceiros/zineiros que participariam da palestra comigo. Marcamos a palestra na semana seguinte da realizada na Feira do Livro.

A palestra na Feira do Livro foi um sucesso. Estudantes de escolas públicas e privadas estiveram presentes e lotaram o auditório da ACIRP¹² para ouvir nossas experiências com oficinas de fanzines, algumas em espaços bem inusitados como a do sistema prisional. Como combinado, na semana seguinte, meus parceiros de oficinas estariam comigo para falar sobre zines dentro da cadeia.

No dia da palestra, acordei assustado por um pesadelo que não consigo me lembrar até hoje. Como em todas as manhãs, saí de casa e fui até ao ponto onde pegava o ônibus para a cidade vizinha e desci em frente à unidade prisional. Tentei ligar no celular de Arnaldo Junior, mas não tive sucesso. Entrei na penitenciária, guardei meus pertences no armário e fui tomar café junto aos demais funcionários da unidade. Estava ansioso pela chegada dos amigos, resolvi pegar o

12. Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto.

celular no armário e tentar ligar novamente para o Arnaldo com receio de que eles poderiam ter se perdido no caminho. Mais uma vez não tive sucesso na ligação. Uma funcionária da unidade, responsável pela escola, veio conversar comigo e perguntar sobre os outros palestrantes. Disse que logo chegariam. Guardei o celular no bolso e continuei conversando com a funcionária. Nesse instante, chegaram Arnaldo Neto, Arnaldo Junior e Fabricio Bispo, arte-educador que estaria conosco na palestra. Fui recepcioná-los e esqueci de guardar meu celular no armário. Seguimos para o detector de metal e quando passei pelo portal, o alarme soou, indicando que eu estava com algum metal no bolso. Lembrei-me que naquela manhã tinha acordado de um pesadelo. Tirei o celular do bolso e entreguei ao agente de segurança que me disse que meu aparelho seria encaminhado para o setor responsável. Isso já tinha acontecido há uns dois anos e o celular foi devolvido no mesmo dia sem grandes polêmicas. Eu não sabia, mas dessa vez o desfecho seria outro.

Depois de todos passarem pelo detector, fomos para o pavilhão escolar. A palestra com os detentos foi excelente. Arnaldo Neto e Arnaldo Junior falaram sobre suas experiências, viram produções dos alunos e foram muito bem recepcionados por todos da escola. Durante a palestra, me esqueci completamente do que tinha acontecido momentos antes, na entrada.

Após a palestra, quando os palestrantes já tinham ido embora, fui chamado no setor de ocorrências para falar sobre o celular que tinha esquecido no bolso. Dei meu depoimento. O funcionário me pediu para ligar o celular que já estava com a bateria descarregada e não tinha como ligar. O funcionário disse para eu voltar no dia seguinte com o carregador para ligá-lo e provar que aquele celular era meu. Assim fiz,

no dia seguinte, voltei com meu carregador, mas o funcionário não teve paciência para esperar que ele carregasse e foi ríspido comigo:

– Escuta aqui: se não provar logo que esse celular é seu, terá que buscar o aparelho na delegacia!

Não entendi tanta grosseria. Não discuti. Saí da sala e pedi para conversar com o diretor geral da unidade. Expliquei meu caso e fui ouvido com mais atenção. Mandou chamar o funcionário que colheira o meu depoimento e pediu o celular. Após carregá-lo por alguns minutos precisei provar que o celular era meu, mostrando fotos e contatos, incluindo o do diretor de Educação. Finalmente, devolveram-me o celular, porém o funcionário levou o caso a diante e o registrou, enviando a ocorrência à Secretaria da Educação que suspendeu meu trabalho em qualquer unidade prisional.

No semestre seguinte, não pude pegar aulas no sistema prisional e, desde então, atuo em uma escola da periferia de Ribeirão Preto, onde continuo realizando oficinas de fanzines com um pouco mais de liberdade. Literalmente.

Trabalhar no sistema prisional foi uma experiência única e que jamais me esquecerei. Costumo dizer que dei aulas a autores de todos os crimes possíveis. Jamais me abalei com nenhum dos Artigos do Código Penal, nem mesmo o 213, referente ao estupro. Lembro-me como se fosse hoje de uma reunião da FUNAP em que o responsável pelos estagiários nos disse:

– Não estamos aqui para julgar nenhum reeducando, mas sim para apoiar seus projetos de vida. Em algum momento de suas vidas isso não foi mais possível. Nosso objetivo não é tirar ninguém do crime, mas apoiar suas reflexões e fazer o possível para resgatar sua cidadania por meio da educação.

O modo que encontrei para fazer tal resgate foi além da lousa e livros, passou pelas conversas, tesoura, cola, sulfites e revistas. Durante essas oficinas, homens mais velhos do que eu puderam refletir a respeito de suas trajetórias e enxergaram potenciais no desenho ou na escrita.

O trabalho com os fanzines fez com que, no meu último mês na prisão, um dos monitores presos me procurasse na sala dos professores com um envelope. Desse envelope tirou um livro, feito de modo artesanal. As folhas manuscritas e coladas. Nelas, além de ilustrações, contava sua trajetória e fazia reflexões a respeito de seu comportamento que fatalmente o conduziu até uma cela. Todos os dias, trabalhava com ele na organização e correção ortográfica de seu livro. Ele me dizia que quando o livro estivesse pronto, procuraria o apoio da direção da unidade para publicá-lo.

Às vezes, me lembro do meu primeiro dia numa unidade prisional quando o diretor me disse que eu substituiria um estagiário que fora afastado porque não tinha o perfil para atuar no interior de uma prisão de segurança máxima. O que esse jovem estudante teria feito de tão grave? Teria ele não seguido fielmente às orientações do sistema e tentado promover em sala de aula um ambiente longe das amarras do ensino tradicional, assim como fiz, quando levei a arte dos fanzines através das grades a fim de canalizar toda a frustração e revolta pulsantes dentro das prisões de modo criativo e humanizado?

Para preservar a integridade do autor, os nomes das unidades prisionais foram ocultadas.

Fanzines intramuros

(ou ousar é preciso quando a liberdade é restrita)

Jô Feitosa

Introdução

Sou assistente social, formada pela Universidade Estadual do Ceará, desde 1983. Neste mesmo ano, ingressei no serviço público, para trabalhar no setor de Recursos Humanos de uma Fundação que, dentre outros serviços, oferecia cursos profissionalizantes.

O meu contato com o mundo carcerário veio dessa época quando fui escalada para palestrar no primeiro dia de aula dos cursos profissionalizantes, destinados aos internos do sistema prisional do Ceará. Eu falava sobre a importância do trabalho para o resgate da cidadania. Quando fui ao presídio feminino, simpatizei e me identifiquei com o trabalho realizado com as mulheres. Com poucas detentas, o local era próximo ao centro da cidade e com uma carga horária reduzida. Foi uma boa oportunidade para que eu pudesse me dedicar mais aos meus filhos de um e dois anos, respectivamente. Assim, sem dar ouvidos às opiniões contrárias da família e amigos, troquei o meu trabalho “com gente do bem”, por um trabalho “com as mulheres do mal”.

No início foi complicado. Eu me apavorava quando elas se agitavam por motivos de falta de água, alguém passando mal ou brigando nos corredores, e começavam a gritar e bater nas grades. Também me impressionava quando olhava os prontuários e ficava sabendo

dos crimes cometidos com tanta riqueza de detalhes. Com o passar do tempo, fui acostumando e percebendo que aquelas mulheres eram mães, filhas, esposas e tinham suas vidas bem comprometidas com o mundo lá fora. Que muitas chegaram ali “pelas mãos do amor”, pois se envolveram no crime para ajudar seus companheiros. Também fui entendendo que não existia ali “a mais perigosa”, mas sim “aquela que cometeu mais crimes”.

Acompanhei muitos casos, dentre eles um que me tocou profundamente. Era uma senhora, mãe de seis filhos, todos menores de 0 a 8 anos que, após cometer o crime, foi abandonada pela família. Tempos depois, para ser posta em liberdade, precisava de uma moradia e eu a levei para a minha casa. Durante 9 anos ela me ajudou na maternagem com meus filhos e na manutenção e conforto da nossa casa. Atualmente está casada, reconquistou os filhos e continuamos amigas e eternamente gratas uma à outra.

Com o tempo, fui sendo remanejada para trabalhar em outras prisões masculinas, manicômio judiciário, um novo presídio feminino com capacidade para 300 mulheres, um presídio para mulheres trans...

O que aconteceu de verdade, é que os crimes intramuros foram se modernizando e ficando cada vez mais violentos, obrigando o sistema carcerário a buscar novas estratégias de vigilância ostensiva para lidar com os problemas de ordem disciplinar. Por sua vez, os profissionais tiveram que usar de todos os seus conhecimentos para atender a uma demanda cada vez mais crescente e carente das necessidades básicas. No meu caso, cujo contato era direto com os internos, resolvi utilizar o fanzine como uma ferramenta para trabalhar com grupos, facilitando, portanto, a comunicação e o atendimento das demandas.

Trabalhar em ambiente prisional é muito complicado. A todo momento somos vigiados por câmeras, passamos por detectores de

metal e raio-x. Vivemos em um clima de insegurança que nos torna pessoas desconfiadas. Não é a toa que muitas vezes, sem perceber, levamos esse mesmo clima para dentro das nossas casas, gerando um desconforto na família. Como exemplo, cito aqui as inúmeras vezes que irritei meus filhos e marido fazendo com que eles contassem a mesma história, buscando encontrar contradições. Houve muitos desgastes nas minhas relações, e também sofrimento pelo esforço emocional para me recompor com eles. Foi bem difícil. Mas agora já passou. Vivo outro momento. Mas não tenho dúvidas que, trabalhando nas cadeias, foi que aprendi a respeitar os que erram e a gostar das pessoas com todas as suas virtudes e vícios.

Parte I - Fanzine no Instituto Penal Feminino

Desembargadora Auri Moura Costa

Minha primeira experiência com fanzine foi no presídio feminino, era final de 2001. Havíamos acabado de chegar em uma unidade construída para abrigar 250 mulheres infratoras. Era o primeiro presídio feminino do estado. Antes, este funcionou em duas salas dentro do Manicômio Judiciário e, depois, em um anexo do convento das freiras do Instituto Bom Pastor, no centro da cidade de Fortaleza. Com esta unidade penal construída dentro das normas do Departamento Penitenciário, os homens da justiça cearense entenderam que as mulheres não eram loucas pra ficarem presas em manicômio, nem santas para estarem em conventos.

Pois bem. As mulheres não gostaram da mudança – embora o local contasse com celas adequada, oficinas de trabalho, refeitório,

escola, lavanderia, posto médico e dentário, creche, venustério¹³ –, elas não queriam ficar. Os motivos eram: a distância, dificultando o acesso dos familiares, a separação das companheiras, já que houve separação por situação jurídica e delitos; perda de objetos que tiveram que deixar pra trás, pois foram pegas de surpresa e deixaram o antigo presídio apenas com a “roupa do couro”.

O índice de insatisfação era enorme. Muita revolta e rebeldia. Houve quebra-quebra, queima de colchões. As salas de aulas e as oficinas de trabalho, embora com projetos montados por empresas privadas, não funcionavam a contento.

Esse era o contexto na época em que resolvemos fazer pequenos grupos, rodas de conversas, na busca por soluções e atendimento às demandas.

Numa dessas reuniões mostrei o fanzine que minha filha fazia para uma detenta que era pedagoga e gozava de prestígio na sua ala. A Ala das Julgadas. Ela gostou da ideia. Principalmente por ter o direito a usar papel e caneta.

O primeiro encontro foi marcado, mas apenas três pessoas compareceram. Eu mesma não tinha muita ideia de como fazer o zine, mas sabia que podiam escrever o que quisessem e não precisavam se identificar. Essa informação foi passada pela minha filha Maria Izabel¹⁴. Levei revistas, cola, papel, tesoura sem ponta... Foi muita

13. Venustério é um local na prisão feminina destinado aos encontros amorosos para mulheres casadas. O direito vale para aquelas cujos relacionamento é anterior ao aprisionamento.

14. Na época, com 13 anos, ela vivia os dilemas da adolescência e gastava muitas horas do seu dia trabalhando nos fanzines, que trocava com amigos. A primeira vez que vi, não gostei, principalmente porque encontrei escritos falando mal de mim e do pai. Além das revistas, livros e fotos que recortava para ilustrar. O nome do seu zine era *Estrelas*. Eu lia escondido. E comecei a gostar e ver os benefícios. A criatividade, criticidade, ideias bem colocadas, a escrita.



Jô Feitosa (segunda à esquerda) no IPF Auri Moura

conversa sobre as condições de isolamento, os castigos, as mulheres com problemas mentais... E nada de produção. Confiei no grupo e deixei levar o material pra ala. Era uma sexta-feira.

Passado o final de semana, na volta ao trabalho, chegou à minha mesa o material produzido. Nada escrito. Só desenhos obscenos com nome de agentes, pessoas da direção e a minha pessoa. Os desenhos eram engraçados. Quando descobri a autora parabeneizei e mostrei outros fanzines que havia conseguido. A garota era considerada como “da pesada”. Os dois primeiros foram impublicáveis, e só circulou entre elas. Havia ameaças, pornografia e desacato a todos da administração.

O material acabou, ficamos sem contato, até porque a direção do presídio proibiu. Algumas resolveram frequentar a escola. Inclusive

a desenhista. Ela me abordou dizendo que estava na escola e gostaria de fazer a “revistinha”. Queria falar do Bloco do Miolo Mole¹⁵, das coisas que estavam erradas, conquistar coisas pra ala...

Solicitei autorização à direção. Ficou acertado que teríamos um encontro quinzenal com, no máximo, oito pessoas, e sob vigilância de uma agente prisional. E, ainda, que o material era por minha conta e proibido uso de revista e tesoura. Assim passamos a confeccionar o fanzine *Hóspedes de Auri*¹⁶. Conseguimos um patrocinador para fazer xerox. Em pouco tempo os professores passaram a valorizar o material escrito e utilizavam em sala de aula. A frequência à escola melhorou consideravelmente. Os encontros para confeccionar os zines passaram a ser disputados até por pessoas que não sabiam ler nem escrever. Elas queriam ver suas histórias, seus recados no fanzine e pediam para as colegas escreverem.



Capas do fanzine *Hóspedes de Auri*

15. Grupo formado por mulheres caricatas que alegravam as detentas daquela unidade prisional.

16. As detentas chamavam essa unidade de Pensão da Auri, por entenderem que estavam ali por apenas algum tempo.

A circulação do *Hóspedes de Auri* ganhou asas e chegou a ser vendido em uma livraria da cidade. Oficialmente saíram quatro números do zine e outros incontáveis produzidos individualmente e por alas.

Em 2004, fui removida do presídio feminino e passei a prestar serviços no Corpo de Bombeiros.

Parte 2 – Fanzine no PACAD

Depois de 7 anos volto a trabalhar na Secretaria de Justiça como assistente social, compondo a equipe do PACAD¹⁷, junto a um psiquiatra, enfermeira e psicólogo. Era uma equipe itinerante, que viajava por todo o estado, visitando os presídios e montando outras equipes de trabalho. Minha atuação era mais no início dos trabalhos, ou seja, na mobilização e, no final, na avaliação, além de intervir em outras questões relacionadas à situação social do interno, como por exemplo, providenciar a segunda via de documentos e buscar contatos com familiares. Essas duas últimas questões eram por minha conta pois, pra mim, estar no mundo com dignidade envolve ter documentos e alguém que se importe com você.

E o fanzine entrou neste movimento para ajudar o interno de forma lúdica e sem julgamento a se expressar e falar do seu envolvimento com as drogas, bem como suas expectativas na diminuição do uso e abuso das drogas com a ajuda do programa.

Não estava no *script* utilizar o fanzine, mas a minha iniciativa acabou atraindo os internos para os grupos pois se soltavam e também se sentiam melhor para criticar, denunciar, sugerir mudanças sem que fosse preciso se identificar.

17. Programa de Ações Continuadas de Assistência ao Dependente Químico.

O fanzine servia para divulgar o programa também. Diante desta realidade, o PACAD passou a assumi-lo como uma ferramenta nas ações do programa. Fui designada para realizar oficinas de fanzine com os profissionais da saúde que atuavam no programa e também com os professores do sistema.

Parte 3 – Zine na CPPL III junto à população LGBT

Em 2013, passei a atuar definitivamente como assistente social na CPPL III¹⁸. Foi onde tive contato com uma parcela da população carcerária que não tinha vez, nem voz: os homossexuais. A existência dessas pessoas só dei conta ao defender uma menina trans que havia acabado de chegar ao presídio e sofria violência dos agentes por não aceitar tirar a roupa e deixar cortar seus cabelos. Fiquei ao lado dela e impedi os “procedimentos”. Ela me falou ter feito cirurgia para mudança de sexo e que seu nome era Paula. Por proteção à sua integridade física, a deixamos na enfermaria ao invés de colocar na ala dos crimes sexuais onde é de praxe esse procedimento nas prisões brasileiras.

Enquanto procurávamos uma solução para o caso, Paula confessou que mentiu e disse que queria ir pra ala. Havia conhecido o “prefeito”¹⁹ e que este lhe garantiu proteção. Desta forma, acabei ficando amiga da Paula que me informou que nesta ala se encontravam outras meninas em situações de extrema necessidade. Algumas por-

18. CPPLs (Casa de Privação Provisória de Liberdade) são locais para pessoas que aguardam o julgamento pelo crime cometido. No Ceará existem 4 casas para abrigar esses casos. Sobre a CPPL III, a única no Brasil para mulheres trans, tem um documentário *Close*, de Rosane Gurgel, disponível em: <https://vimeo.com/200347494>

19. Interno que detém o poder de mando em toda a ala. Determina as normas e quem fica e sai da ala.



Edições 1 e 16 do fanzine *Só Babado*

tadoras de doenças sexualmente transmissíveis e HIV, tuberculose, hanseníase... Vez por outra passei a receber “catataus” (bilhetes) escritos por Paula pedindo a intervenção em alguns casos.

Até que um dia chegou um abaixo-assinado das meninas trans, gays e bi que estavam nesta ala encurraladas e oprimidas pelos demais sem nenhuma assistência. Elas pediam uma reunião com a direção da prisão para apresentar suas demandas.

Era final de 2013. No ano seguinte, iniciamos as atividades com elas. Suas demandas eram ignoradas e a cada reunião (que só acontecia comigo), eu voltava mais desmoralizada. Numa delas, fizemos um fanzine com os mesmos pedidos de sempre. Escolheram o nome de *Só Babado*. Daí que mostrei para uma pessoa da Secretaria de Saúde do Estado, que acionou os responsáveis pelo Serviço de Saúde Carcerário. Também chegou às mãos dos responsáveis pelas Secretarias de Políticas Públicas para a População LGBT do Estado do Ceará e do Município de Fortaleza, além de ONGs de apoio, Secretaria de Cultura, de Direitos Humanos. Enfim ganharam visibilidade e passaram a ter assistência. Em especial à saúde e à questão jurídica.

O zine *Só Babado* ficou conhecido e passou a ser publicado mensalmente. Virou um instrumento de diálogo com a direção do presídio e a sociedade. Também de denúncia e autopromoção.

Diante disso, apareceram as dificuldades. Os agentes prisionais se negavam a tirar os internos da ala, a vigiar, a impedir a entrada de material...

Então, pedi permissão para entrar na ala. A partir daí assumi os riscos de estar junto de 400 homens “perigosos estupradores”. Por incrível que pareça, me sentia segura. Podia ficar mais tempo. Fechar todo o fanzine. Quando deixava a ala, o chefe da segurança me levava pra ver nas câmeras de monitoramento minhas atitudes erradas e me prevenir do grau de periculosidade dos “baitolas”. Segundo ele, estes “não gostavam nem de si, como iam me poupar?” e “todo viado é doido, a senhora não sabe disso não?”

Eu ouvia tudo calada, pois lá fora, dentro dos espaços públicos como ONGs, universidades, Secretaria dos Direitos Humanos, de Saúde, de Educação, esses “doidos perigosos” estavam sendo apoiados. Os zines faziam sucesso.

Nas reuniões em Brasília no DEPEN (Departamento Penitenciário) se instituía nos cursos para agentes prisionais palestras sobre homofobia, direitos da população LGBT. Universitários dos cursos de Cinema, Teatro, Jornalismo, Direito, Medicina, Psicologia e Serviço Social realizavam trabalhos acadêmicos e se mobilizaram para ajudar. Isso tudo já falava por mim. Eu não precisava dizer nada para aqueles que me mostravam o quanto eu estava errada. Eu sabia que muitas pessoas não gostavam de mim. Desde internos, famílias destes e colegas de trabalho. Fui alvo de abaixo-assinado para me botar pra fora da CPPL III (por parte das mulheres dos internos héteros, alegando que eu incentivava o relacionamento dos seus ma-

ridos com mulheres trans e que eu estava destruindo as famílias), ameaças de internos e seus familiares. Até que explodiu uma rebelião e a prisão inteira se revoltou contra a ala dos crimes sexuais e dos crentes ou irmãos evangélicos. Duas pessoas da ala foram mortas. Ficaram encurraladas entre o fogo e as paredes. Agentes derrubaram as paredes para salvá-las.

O final é que hoje essa gente conquistou um espaço exclusivo para elas. O fanzine que foi produzido contando como foi a rebelião serviu para fundamentar a necessidade de um espaço digno²⁰.

Hoje na unidade Penitenciário Irmã Imelda Lima Pontes estão abrigados idosos, GBTT, cadeirantes, deficientes e o pessoal da Lei Maria da Penha.

O *Só Babado* continua existindo. E as meninas saem formadas em cabeleireiras, costureiras... Se vestem como meninas, são tratadas pelo nome social... Uma luta onde o fanzine foi a arma mais poderosa.

20. Confira esse e outros relatos em “Notas do Submundo”.

Memórias do cárcere

Márcio Sno

A proposta dessa publicação era apenas registrar os relatos de experiência de três educadores que desenvolveram oficinas de zines em presídios. Quando comecei a ler os zines produzidos pelas turmas da Jô Feitosa, percebi que boa parte das histórias, relatos, combinados, conselhos e desabafos, me ajudou em muito a entender e entrar um pouco mais nesse universo privado de liberdade.

Por meio desses relatos, foi possível entender, nas palavras de Angelica, que a realidade do cárcere está longe do “natal feliz desses que a propaganda de TV mostra”, pois estar em um lugar onde “o corpo cansado de não fazer nada” proporciona pouca esperança para um futuro promissor dentro e fora do sistema.

Nos relatos apresentados nos zines, a palavra que mais aparece é “saúde”. Seja da família, dos filhos, dos parentes que ainda não conhecem, ou mesmo daquele filho que, com certeza, será afastado após passar o período de amamentação. Alguns buscam estratégias curiosas, mas pouco eficazes, como a adotada por Marivanda: “procuro não pensar na liberdade e na minha família para não sofrer mais ainda, mas não consigo me desligar”.

“Liberdade” é outra palavra muito usada. Esse é o objetivo de todos que dela estão privados. Muitos encontraram na religião uma maneira de se sentirem livres, pelo menos de seus pecados cometidos, chegando a afirmar que estão mais livres encarcerados do que nas ruas, na perdição. Curiosamente, a liberdade nem sempre pode vir de for-

ma positiva, como foi para a Tetê, que perdeu seu grande amor, Maria Bonita, que cumpriu sua pena e deixou o sistema carcerário.

Lendo os relatos, percebi alguns detalhes que mostram particularidades da unidade penitenciária nos quais os presos estão, nos gêneros e também na religiosidade.

Os homens são os que têm mais dificuldades de se expressar. Os textos são desconexos, sempre com tom de desculpas ou afirmando que estão ali injustamente, alguns questionam a legitimidade da Lei Maria da Penha, porém, de alguma forma, transparecem que sabem do mal que fizeram e o quanto o crime não compensa. Curiosamente, a maioria dos homens que escreveram nos zines se chama Francisco: foram seis os que relataram suas histórias.

A ala feminina se mostra muito mais unida e organizada. Além de relatarem o dia a dia no sistema, elas também se mostram disponíveis para contar histórias irônicas ou em tom mais descontraído. Também se preocupam muito com os cuidados pessoais e se mostram mais disponíveis para relacionamentos amorosos (ou, pelo menos, relatam esses romances de forma mais aberta). Nos grupos formados por convertidas, os textos são pautados em agradecimentos ao divino, citações bíblicas e promessas de passar adiante a “palavra do Senhor”.

O grupo dos GBTT (gays, bissexuais, travestis e transgêneros) aparece mais militante, mais ciente de que a luta consciente e organizada e o diálogo com embasamento contribuem melhor para a conquista de suas reivindicações. É de emocionar perceber a quantidade de direitos que o grupo conquistou na unidade CPPL III, como: não cortar os cabelos das trans na entrada ao sistema, respeito ao nome social e ala somente para elas. Parece que têm uma liderança muito esclarecida, o Clayton Menezes.

Nos relatos selecionados, há alguns momentos de tensão, como nas rebeliões presenciadas; de emoção, com as histórias de amor; de gargalhadas fartas, nas histórias da Dona Maria do Doce, da Lúcia Salgueirense, dos nomes dados aos pratos servidos e o glossário; de tristeza, com as despedidas, a perda de pertences, a condução para a tranca... Um turbilhão de sentimentos que fazem como se estivéssemos num canto do “cômodo do inferno” só observando.

Nas transcrições que fiz, tomei cuidado para acertar algumas questões de ortografia e gramática, acentuação, pontuação, parágrafos etc. para facilitar a leitura. Porém, pouco mexi na concordância das frases e tampouco nas gírias e sotaques que caracterizam a regionalidade e dialetos criados dentro do sistema, para não tirar a autenticidade dos relatos. Decifrar algumas letras foi uma tarefa a mais, porém, a experiência de ter trocado muitas cartas nos anos 1990, pré-internet, me tornou um *expert* no assunto.

Foi uma experiência muito interessante para mim e me sinto numa grande responsabilidade em transmitir essas histórias tão particulares para o mundo aqui de fora.

Sem precisar passar pela revista, sejam bem-vindos a esse mundo paralelo, repleto de dor, sofrimento, solidão e contradições. Mas fervilhando de histórias incríveis.

Notas do submundo

Depoimento selecionados dos zines produzidos nos presídios sob orientação de Jô Feitosa

Hóspedes de Auri

São tantas as hóspedes da Auri que não dá pra conhecer todas, especialmente pela alta rotatividade que ocorre na Pensão. Não é que ela chegue a ser 5 estrelas; longe dessa classificação, mas digamos que tem lá o seu cometa.

Pois bem, nós não chegamos aqui por livre e espontânea vontade, mas por livre e espontânea pressão dos que zelam pela ordem dessa Fortaleza do Brasil varonil. Quem chega nesta Pensão goza do desprazer de ver o sol nascer quadrado e todas pagamos caro para isso. O preço é bem único de grande representatividade em nossas vidas, ou seja, a nossa liberdade. Mas, apesar de tudo, ou por causa de tudo, é preciso viver. Ir à luta usando a imaginação que é o grande bem inalienável para todas **NÓS**.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

Uma historinha

Dona Maria do Doce é uma das hóspedes mais velhas da Pensão da Auri. Veio parar por aqui porque, além dos doces que vendia, resolveu, por conta de uma dívida com malandros, vender umas balinhas de maconha.

Tem 67 anos e ainda toda boba. Nos contou a mesma que, quando foi pega e levada à delegacia, ficou ouvindo os policiais que a prenderam, juntamente com a delegada, decidirem sua situação, ou seja,

se o seu flagrante era o artigo 12 (tráfico de drogas), ou artigo 16 (uso de drogas). E, naquela discussão, uns se apiedavam e diziam pra lhe dar um 16 porque ela era velha, primária e tal. Enquanto outros diziam para “dar um 12 pra essa velha”, “quem sabe ela cria vergonha”, “ela tem cara de safada, de quem já vem fazendo isso há muito tempo”, “sei não, se fosse comigo, era 12 e pronto”. Outro falava que não, que desse uma chance. E ela ia ouvindo tudo.

Foi enchendo o saco. Sem aguentar mais ficar calada, e principalmente achando que 12 era menos que 16 e, na sua concepção, eram os dias que ficaria presa, lascou essa asneira: “Vamos parar logo com essa confusão e ande, me dê logo esse 12 porque eu já estou cansada!”

Os policiais ficaram putos com a intromissão abusada dela e decidiram, só para fazer o mal, acatar o seu pedido.

Depois, quando ela ficou esclarecida da merda que fez, decidiu que nunca mais se metia onde não era chamada e assim ficou até agora.

Já se passaram um ano e ela não diz sim, nem diz não, muito menos ao contrário, quanto mais, principalmente, para qualquer coisa aqui dentro. Êta velhinha de palavra!!!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

Dia de baculejo

A gente nunca sabe quando é. Somos pegas de surpresa. Pense num dia de bagaceira, esculhambação e sacanagem na sua vida. A maior invasão de privacidade.

Primeiro tiram a gente dos pavilhões. Aí é aquele corre-corre e gritaria da mulherada. Depois as policiais entram e vão em todas as celas virar e revirar todas as nossas coisas, atrás de drogas, armas e outras coisas que são proibidas ter ou usar na Pensão da Auri. É um Deus nos acuda!

Sempre tem neguinha que guarda alguma coisa ilícita, essas são punidas de acordo com os bagulhos encontrados em suas celas.

Nossa maior preocupação é quando temos alguma mixaria guardada em algum lugar e que não deu tempo de pegar. Também é um alívio quando tudo termina e não perdemos nada.

Fora a putaria que fica pra gente organizar depois, resta a revolta com os prejuízos que temos, pois sempre estragam nossos lanches, sujam nossas roupas e nos deixam com os nervos em frangalhos.

Por isso, eu aviso, e quem avisa amigo é: se um dia, por infelicidade ou má sorte, você for hóspede da Auri, não tragam em sua bagagem roupas pretas, perfumes em vidro ou caia na besteira de ter em mãos qualquer embalagem de material cortante. Seja *light*. Coloque apenas o essencial.

Roupa preta é proibida porque esta cor ajuda, nos casos de fuga, já que preso geralmente foge à noite, a roupa preta se confunde na escuridão da mesma. Você sabia?

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

As loucas

Valdete, Claudete, Lindete, Zuzete e Ivete. Tudo miolo mole, de quem não tem um pingão de juízo. E como loucura pouca é bobagem, quando elas se juntam, não tem sossega leão que dê jeito.

Nos dias de visitas, ficam perturbando os visitantes pedindo coisas, lanche, cartão telefônico, cigarro, roupas usadas...

A Valdete adora se pintar. Um batom em suas mãos se torna três em um: sombra, blush e batom.

Louca para arranjar um namorado, Claudete canta até as paredes. Faz gestos obscenos que arrancam risadas. Faz lembrar de certas loucas que passaram em nossa infância.

A Lindete diz ter um namorado lindo e tesudo. Invisível, é claro! Adora se arrumar. Sua grande paixão é roupas e calçados de marca. O seu tênis tem que ser Olimpikus.

A Susete, esta é abusada. Massaranduba perde feio perto dela. Com ela, tudo é na porrada mesmo. Idem, idem à Ivete. Com as duas juntas fica difícil escolher a mais pauleira.

E vamos curtindo as loucas, já que não podemos curá-las. Como podemos, se há dias que ficamos tão ou mais loucas que elas?

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

Romance

Assim que cheguei aqui, conheci aquela que é o amor da minha vida.

No início, o medo, pois eu sempre me relacionei com homens. E agora sentia um amor por uma mulher. Foi preciso muita coragem para que eu entendesse que só tinha dois caminhos: ou renunciava ao amor que me fazia pulsar o coração mais forte e todo meu corpo tremer, ou seguia em frente frustrada, por não me dar esse direito de ser feliz.

Senti que era impossível voltar atrás e seguir em frente. Logo no início, ela ocupava outra cela mas, a cada dia o amor ia ficando mais forte e aumentando a necessidade de estar juntas, de dividir nossas coisas. Ainda bem que conseguimos autorização para ficarmos juntas na mesma cela.

Ela me ajudou a pagar minhas dívidas e organizar minha vida, tirando-me de companhias que me influenciavam negativamente.

A primeira pessoa que conversei sobre nosso relacionamento foi com meu marido. Eu temia que ele pudesse denegrir a minha imagem perante meus filhos e a minha mãe. No entanto, ele mostrou-se neutro. Também, ele era consciente da situação em que havia me

deixado, ou seja, sem assistência financeira e amorosa. Além do que nunca foi um bom pai.

Aliviada, abri o jogo com as crianças, eles já tinham percebido que rolava alguma coisa a mais na nossa amizade. Conversei muito com eles sobre a minha solidão e sobre a responsabilidade que devemos ter em ser felizes, esteja onde estivermos. No final da conversa, meu filho mais velho me abraçou e disse: “mamãe, eu só quero que você seja feliz, eu continuo te amando do mesmo jeito”.

Hoje formamos uma família linda. O meu desejo é sair daqui para vivermos com mais privacidade e intensidade o nosso sentimento.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

Falando sério

Quando eu sair daqui, vou viver outra vida, vou parar em casa, vou sair só para o culto.

E quem perguntar aonde eu estava, que não me via há tanto tempo, eu vou mentir. Não quero nem saber! Vou falar que estava viajando... Em São Paulo, porque é pra lá que todo mundo vai mesmo.

Se me perguntarem porque voltei, eu digo que foi porque senti saudades da terrinha e que também não me adaptei por lá. É muito frio e as pessoas também são frias. Que a violência é demais e outras coisas que a gente sabe e ouve dizer e ver pela televisão.

Se eu sentir vontade de me drogar, vou pensar nos dias que passei aqui nessa Pensão, onde nada vale nada e ninguém é amiga de ninguém.

Vou levar na minha cabeça só coisas boas que aprendi. E aí, se puder pôr em prática, eu aprendi fazer muitas coisas e uma delas foi bordar. Eu até gosto, mas acho que não dá dinheiro suficiente para me manter.

Daí, se pintar a tentação de novo, de cair nas drogas para poder sobreviver, como será que resistirei? Terei a ajuda de alguém? Para me apoiar nas necessidades de forrar minha barriga, abrigar-me sob um teto, afastar meu pensamento do que não presta, com palavras amigas e confortadoras?

Tenho medo de faltar tudo isso e só me restar como alternativa o passeio público e meu corpo para a venda na esperança de manter-me viva. Tenho medo principalmente quando vejo falar de outras meninas que saíram e que só tiveram esta como única opção. Algumas já voltaram e falaram que fora da Pensão de Auri a coisa tá preta. A miséria é grande. Não consegue trabalho, nem muito menos quem acredite na gente. É fogo!

Pensar em tudo isso, muitas vezes nos leva a querer morrer. Mas a vida é um jogo. Quem sabe se comigo não será diferente? Tem que ser. Também sou filha de Deus.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 0, setembro de 2002.

A fuga de Sabina

Desde que ela entrou aqui ficamos certa que o seu juízo não era dos bons.

Se não tinha, mas aparentava ter uns 50 anos. Fedia feito gambá. Os cabelos das pernas davam para fazer trança. O olhar dela era daqueles 143, que vê tudo, ao mesmo tempo, de uma só vez.

Já tinha puxado cadeia no interior, lá em Senador Pompeu, mas ela quebrava tudo lá e fugia. Por isso, mandaram ela pra Pensão de Auri. Pense no bicho do mato? Sua cabeça minava confusão as 24 horas do dia.

Fez de tudo para ir no interior ver os filhos. Quebrou cela, brigou com polícia, xingou mãe de todo mundo, enfim, atazanou deus e o

diabo nessa Pensão. Vez por outra, levavam ela lá no manicômio para tomar um sossega-leão.

E aí ela foi uma vez, mas não encontrou os filhos. A direção deu uma nova chance. Do mesmo jeito que da outra vez, ela saiu daqui com ordem do juiz, escoltada por um policial e agente prisional. Ia quietinha. Ganhando confiança. E, quando chegou em casa, pediu para ir ao banheiro. A escolta vacilou e ela foi. Do banheiro ela escafedeu-se e até hoje está por aí cagando e peidando pra quem lhe prendeu.

É isso aí, ela usou o único direito que tinha pra fugir. Tomara que ela esteja bem e que fique livre até os seus últimos dias de vida.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 1, novembro de 2002.

A rebelião

Em 11/09/2002 resolvemos nos rebelar. Tinha muitos problemas para serem resolvidos que estavam emperrados. Sendo os principais, os relacionados à nossa liberdade. Muitas companheiras com a cadeia puxada, mas em vez de estar na rua, continuavam aqui no sofrimento.

Veja bem: quando a gente chega aqui, somos orientadas para trabalhar, porque, assim, a cadeia fica menos pesada e ajuda a diminuir o tempo da pena. É assim: você trabalha três dias e diminui um dia no tempo que você deve ficar presa. Só que este benefício não estava sendo dado.

Aí nós aproveitamos o fato daquela mulher que matou a sobrinha, que queriam colocar junto com a gente, e fizemos a confusão. Porque a gente também tem sentimento e a maioria de nós temos filhos. Algumas até estão com eles aqui no presídio, passando o tempo da amamentação. E a gente não queria ela aqui por perto, pois é da nossa cartilha que quem não respeita criança, não pode conviver nem com bichos.

Pois bem. A gente queria ter feito diferente, sem tanta violência, só que a polícia entrou e nos agrediu. Como todo ser humano tem direito a se defender, a gente se defendeu quebrando o que via pela frente.

A Pensão da Auri foi abaixo, mas já está tudo normal. Já estamos trabalhando, a indesejada não está conosco e algumas companheiras, enfim, estão soltas por aí vendo o sol nascer redondo. Axé para elas que são: Elza Zezinho, Edileuza, Zumira, Consola Claudinha, Papel, Karliane, Cosma.

Desculpem a quebradeira mas, a nosso ver, foi necessário. E a agente prisional que fizemos de refém, que também nos perdoe, mas quem está na chuva é pra se molhar. Bem, comparando com o IPPS, verá que a gente é da paz. As reportagens que a maioria das vezes saem a respeito das hóspedes da Auri é mais falando de bem do que de outras por aí.

Aqui fica o nosso agradecimento pela compreensão.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 1, novembro de 2002.

Jaqueline e Eduarda

Sou Jaqueline Epifanio, tenho 22 anos. Aqui na Pensão da Auri todas me chamam de Paulista porque eu sou de São Paulo. Nunca fui presa, é a primeira vez.

Vivia na minha terra, embora humildemente às custas do suor do meu rosto, com um pequeno salário de garçone. Mas, como todo ser humano, sou imperfeita e um dos meus defeitos é a ambição. Queria ter dinheiro para poder viver melhor. Daí que aceitei a proposta para ser mula. Fui pega no Aeroporto de Fortaleza, quando tentava embarcar para a Europa, levando cocaína na minha bagagem. Meu companheiro também está preso no IPPS. E eu estou aqui, amargando os piores dias da minha vida.

Estes só não são mais amargos porque tive a felicidade de ter uma filha, com quem divido meus momentos de solidão, angústia, ternura, carinho e sonhos. Ela está aqui comigo só por enquanto estou amamentando. Depois de oito meses será levada de mim para uma instituição do governo que cuida de crianças. Não gosto nem de pensar neste momento. Não sei como vou suportar.

Atualmente, ela está com dois meses. Ainda não conhece o pai. O nome dela é Maria Eduarda.

Jaqueline Epifanio. *Hóspedes de Auri*, número 1, novembro de 2002.

Dicas de saúde

As doenças sexualmente transmissíveis, que são mais conhecidas por DSTs e aids podem atingir todo mundo. Mas tudo vai depender da forma como a gente transa e dos cuidados que a gente tem ou não tem com a gente mesma. Por isso, preste bem atenção nesses toques.

- Use sempre calcinhas de algodão, pois elas deixam a xereca respirar, impedindo que as bactérias tomem conta dela.
- Lave sua querida diariamente com sabonete.
- Se limpe de frente pra trás sempre para não ir sujeira do roscofe para a xereca.
- É melhor usar absorvente externo, porque o interno você pode esquecer de trocar e aí vai ser a maior festa para as bactérias.
- Não vista calças muito apertadas.
- Quando for se bronzear, não deixe o biquíni secando no seu corpo porque os bichinhos gostam de lugares úmidos e quentes.
- Não vista roupas íntimas de outra pessoa. É melhor evitar essa comunhão de bens.

- Cuide bem de suas mãos para evitar cortes e arranhões. Deixe sempre as unhas limpas e cortadas.

- Garanta um bom hálito, escovando os dentes após as refeições. Prefira chupar bombons e pastilhas de menta, hortelã etc.

- Evite sexo oral no período menstrual.

- Se você usa drogas, pense duas vezes antes de usá-las nas transas, porque elas fazem esquecer os cuidados que devemos ter para praticar o sexo com mais segurança.

Boa sorte!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 1, novembro de 2002.

O medo da capitão

As hóspedes da Auri andavam muito danadinhas. Sabe como é, né? Lotação mais do que completa e ninguém saindo. Isso é uma coisa que deixa a gente muito pau da vida.

Aí, de repente, surge uma história de que ia acontecer a maior revolta aqui dentro. Para administrar a pensão, ia chegar uma tal de capitão da polícia que ninguém sabia dizer o nome dela. Quem tava suja no relatório, ficou cortando prego. Dizem as más línguas que ela ia pegar a ficha das ditas cujas e aí, já viu, né? O bicho ia pegar.

Era castigo daqueles. Dizem que a tal capitão era uma megera, que a bicha era bruta! Pense na sacanagem que a tal era capaz. A galera da sujeira tremia nas bases, começaram a se controlar e aí a Pensão ficou aquela beleza. Todo mundo quietinho, aguardando a chegada.

Umás lá acharam ótimo isso acontecer, porque agora muitas de nós ia se estrepar, a maioria reza para a Dra. Helô ficar porque, com essa sim, a gente podia conversar. Coleguinhas que nem gostavam dela, passaram a gostar.

Mas o bom mesmo é que fazia tempo que a gente não comia cuscuz, aí ele apareceu. A mulherada gritava: “oba!” A capitão chegou e já apareceu o cuscuz. Agora eu engordo! O cuscuz abalou a cadeia. Para gente era um sinal de boas-vindas da tal malvada. Apesar da barriga cheia de cuscuz, o medo não passava. Muita gente já imaginando como era bater continência para falar com ela e tudo.

Mas agora esse medo passou. Deus foi carinhoso com a gente, deixou mesmo a Dra. Helô. Estamos de parabéns, afinal, ela é nossa amiga, valeu!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Personalidade do mês: Lúcia Salgueirense

Lúcia Salgueirense é uma safadinha. É a menina do pito e das tanguinhas. Ela só tem 5 tanguinhas. E todas as 5 são vermelhas. É dela esse conselho, viu, galera: “se você não tem sorte para atrair gatinhas, use tanguinhas vermelhas, das bem pequenininhas, que é tiro e queda. Vale salientar que elas têm que estar bem limpinhas”.

Ela fala que já conquistou muitos gatos e que só está sozinha porque está presa. Mas logo vai arranjar um pretendente. Sua qualidade é fácil de entender. Adora ir para a lavanderia de tamancos, tem uma coleção chiquérrima. Todos comprados na Arca da Aliança em dia de liquidação, tá meu bem!

O penteado dela, se você quer aprender, é muito fácil. Passe muito creme no cabelo até ficarem duros e sebosos, depois divida em três partes, aí faça um pitó na parte de cima e dois na parte de baixo.

Amigas, a Lúcia abala. Imite ela e você terá sorte de nadinha para conquistar seu príncipe encantado (se ele não virar sapo é porque ele é príncipe mesmo).

Ah! Um detalhe! Ela não gosta de depilar. É das cavernas mesmo! Se veste muitíssimo bem quando resolve sair das cavernas. Blusa azul, calça verde, cinto vermelho e tamanco preto.

Atenção, pessoal! Quem estiver procurando alguém para encher o vazio do seu coração na Pensão da Auri, você encontra essa gata linda e maravilhosa, se embelezando para amar.

Arrisque! Vale a pena!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Menu da Pensão do Auri

Aproveitando a política do seu Lula, da “fome zero”, nós da Pensão de Auri ficamos ansiosas para sermos beneficiadas também. Pra gente, basta melhorar o cardápio.

No “boi ralado” (carne moída) colocar mais verduras, e ter o cuidado para não vir estragada. “Boi à detetivo” (frio com nervos de aço) é só deixar ele ficar mais tempo no fogo que ele amolece. E que venha mais “colegas” (galinhas), elas vivem de férias.

A “pomba H” (linguiça) tem que vir mais dura, opa! Quero dizer, assada. Também que ela venha com menos frequência. Tô vendo a hora de alguém aqui ficar grávida.

O “bife de oião” (ovo) parece que está em extinção. Faz tempo que a gente não come. E aqui cabe a pergunta: será que as colegas (galinhas) estão tomando pílulas anticoncepcionais? É bom ver isto.

A sopa “o que será que será”? Quem adivinhar, vai ganhar prêmio. Outro dia a gente descobriu que era de colega, porque veio uma cabeça de uma delas. Foi mesmo! Dentro da sopa, imagino que ela estava cantando ópera quando morreu, o biquinho estava bem abertinho.

O feijão “não quero bis”, porque seu gostinho, além do gorgulho é de amargar.

No mais, o peixe é ótimo. Quanto a ele, só temos elogios, porque tem aquele ditado “o que é do mar não enjoa”.

Para finalizar, abraços temperados e apimentados para a Turma do Rancho.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Estatuto das Mulheres Encarceradas

Art. I – Fica decretado que agora vale a verdade. Não precisamos mentir para tirar proveito de nada, pois estamos de mãos dadas para trabalhar em favor de nossa liberdade sem a necessidade de promover desordens.

Art. II – Fica decretado que todos os dias da semana são propícios para nos relacionarmos bem com todas as nossas colegas e funcionários desta instituição para que, assim, reine a paz e o companheirismo no nosso ambiente.

Art. III – Fica decretado que não precisaremos duvidar de ninguém. Que confiaremos no nosso próximo, independente dele está aqui junto de nós ou não, porque caso promovamos apenas a desconfiança entre nós, a esperança não nos acalantar.

Art. IV – Fica estabelecida durante 10 séculos, a prática tão sonhada pelo profeta Isaías: aonde pasta o lobo, pastará também o cordeiro, e a comida terá o mesmo gosto para ambos.

Art. V – Por decreto irrevogável, fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da caridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada em nossas almas.

Art. VI – Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que, por isso, é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Art. VII – Fica decretado que a maior dor, foi e será sempre não poder dar amor a quem se ama e que, por isso, não devemos desper-

diçar a oportunidade de nos emocionar, ofertamos o nosso amor a quem está próximo.

Art. Final – Fica proibido o uso da palavra “revolta”, a qual será suprimida dos nossos dicionários a partir deste instante a harmonia e a paz será algo vivo e transparente. E a sua morada será sempre o nosso coração.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Recado da Renata

No ano de 2003 eu desejo que ganhemos a liberdade, e que quem não sabe ler, aprenda para ler e escrever o FANZINE.

Quero agradecer a Dra. Jô, que é uma pessoa muito legal daqui da Pensão. Ela, para mim, foi muito especial nesse ano que passou, pois me fez enxergar que sou capaz de fazer muitas coisas boas. Não só por mim mesma, mas também para outras pessoas. Eu sei que ainda preciso melhorar, mas se eu tiver força de vontade e pessoas como ela para me ajudar, eu tenho certeza que vou longe...

Obrigada a todo mundo que me aceita do jeito que eu sou!!!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Provocação geral

Olha aí, galera!

O carnaval está chegando. A Pensão da Auri não pode ficar fora dessa folia. Quem arrumar o seu bloco daquele jeitinho legal e botar ele na ala de convivência, bem beleza, vai poder concorrer a um prêmio legal.

Em grana, sacou? Mas tem que sambar pra valer. Quem quiser concorrer, organize a turma, o prêmio é de (50 reais) para o melhor bloco e, para a melhor fantasia, o prêmio é de (20 reais).

Inscrições na escola com as professoras.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

É do Miolo!

Só esse povinho do Miolo Mole para nos fazer sorrir nessa Pensão. O bom humor na ala onde elas vivem impera.

A Juju, é aquela do batom. Agora não é mais “compre batom”, é “come batom” porque ela acaba com um batom na mesma hora.

A Maria Ariada anda muito feliz. Diz ter casado com o soldado da guarita (casamento de nadinha, é claro). Conta a lua-de-mel tintim por tintim (é impublicável).

Ana Maria largou o ofício de muambeira para ser fuxiqueira. Levou muito calote. Agora anda dizendo que foi clonada do lixo e está grávida do lixeiro. Mas que vai ser reciclada.

Manja a besteirinha dela, é loucura muita!

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Última chamada

Ano novo chegou trazendo muitas hóspedes para a Pensão da Auri. Quem chega até aqui é porque é famosa e faz muito sucesso no programa Barra Pesada e 190. Uma coisa posso lhe garantir: todas as hóspedes de Auri são *fashion* e logo viram modelo da Pensão.

O crochê e o fuxico continuam abalando. As nossas modelos, todas *diets*, da hora, direto do gás butano, cinturinha de bujão, roliças e bonitas, desfilam modelitos atraentes e mais bonitos que os do ano passado. A maior revanche. É ver pra crer. Na Pensão da Auri modelos exuberantes e estilistas inteligentes é o que não falta.

Ah! As lojas entraram em promoção, aproveite, vai ter de tudo um pouco: bolsas, blusas, panos de prato, toalhas com ponto de cruz, detergente, pão etc.

Sem autoria. *Hóspedes de Auri*, número 3, janeiro de 2003.

Carmem

Me chamo Carmem, estou recolhida no Presídio IPF desde 14 de junho de 2012, fui presa pela Polícia Federal, pois foi através de escutas telefônicas do meu marido que fui presa.

Pra mim, foi uma surpresa, pois não sabia de nada, sempre trabalhei de segunda a segunda, só acho que foi injusta a minha prisão, tenho 2 filhos pequenos que precisam muito de mim.

Meu marido também se encontra preso, mas tenho muita fé em Deus e peço que ele me tire logo daqui, pois essa prisão não é nada fácil, aqui tem muitas limitações e quando vou dormir, fico pensando em minha vida.

Procuo aqui puxar minha cadeia numa boa, não gosto de bagunça, procuro ficar na minha cama, lendo ou escrevendo, para ver se passa meu tempo, porque aqui tudo que temos é tempo para pensar como será nossas vidas quando sairmos daqui.

Só sei que injustiças existem, pois comigo aconteceu.

Carmem. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

Sou livre

Oi, sou Veridiana, cheguei aqui por uma fatalidade mas, por incrível que pareça, estou gostando, pois aqui eu descobri quem sou, e que eu tinha um protetor sempre do meu lado e não sabia. Acho que se eu não tivesse chegado até aqui eu iria demorar mais ainda

para descobri-lo. Ele é “Jesus Cristo”, descobriu minhas qualidades e minhas capacidades, minha paciência.

Estou presa mas me sinto livre pois, a partir que Jesus passou a fazer morada dentro de mim, sinto-me completamente feliz. Não importa o lugar sou LIVRE! GLÓRIA!

Veridiana. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

Sou Lorena

Eu me chamo Lorena, estou presa há 2 anos e 6 meses nessa unidade prisional. É a terceira vez que vou presa. Lá fora tenho mãe, vó, filhos e neto.

Sou lésbica, não tenho vergonha de dizer, eu sou assim, realista. Vivo na unidade com uma pessoa muito especial, o nome dela é Telma. Ultimamente é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Aqui eu sofro muito, a saudade dos meus filhos me mata. Eu tenho um netinho que nem conheço. Cada dia que passa é uma eternidade. Com certeza não vou mais voltar, pois o crime e as drogas não compensam.

Eu espero que a sociedade me aceite, não feche as portas novamente na minha cara, pois aqui tem muita mãe de família por falta de opção. A sociedade deveria olhar pra nós com outros olhos.

Aqui vou terminando. No próximo fanzine eu continuo minha história.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim” (Chico Xavier).

Ana Lorena. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

Solidão e liberdade

Sou Terezinha, fui julgada 8 anos e quatro meses, estou presa há um ano e três meses, meu artigo é 157 e etc... Aqui a solidão é grande no meu coração, a saudade dos meus filhos é imensa, perdi meu único irmão quando estava aqui dentro. Quando perdi meu irmão o mundo desabou na minha vida, sofro muito com uma solidão no meu coração.

Aqui encontrei uma pessoa muito especial, uma amiga mulher que me dava muita força quando chorava à noite de saudade... mas perdi ela pra liberdade, então me veio mais um sofrimento (entre aspas), fiquei feliz por um lado...

Aqui estou aprendendo que a vida do crime não compensa, um dia vou vencer tudo isso que estou passando e vou ser feliz do lado da minha família e da minha companheira Maria Moça. Liberdade!

Terezinha “Tetê”. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

Eu e minha mãe

Me chamo Marivanda e me encontro na unidade há 1 ano. Para mim é muito difícil, pois minha mãe se encontra aqui comigo. Apesar de tudo isso, o mais ruim é a saudade que me sufoca a cada dia, pois desde quando fui presa que não vejo mais meus filhos. Nunca imaginei estar passando por isso, vendo a vida passar longe de tudo e de todos.

Procuro não pensar na liberdade e na minha família para não sofrer mais ainda, mas não consigo me desligar. Eu sinto que acordei de um sonho sem igual, que me deixa triste por acordar. Mas todos os dias peço forças e paciência a Deus, pois sei que dias melhores virão e logo estarei eu e minha mãe juntas aos meus filhos na liberdade!

Marivanda. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

Desabafo de uma detenta

Jadson, onde você estiver, nunca esqueça que existe uma pessoa que te ama “imensamente”.

Desculpa filho pela distância, mas não se preocupa, vai dar tudo certo logo mais.

Te amo mais do que possa imaginar.

10001 desculpas, mais uma vez.

Juliana. *Liberdade – IPF Auri Moura Costa*, sem número, outubro de 2012.

É natal

Neste natal o que eu mais queria era estar com os meus filhos, minha mãe. Já estou com 8 meses que não vejo meus filhos, mas nunca é tarde, quem sabe eu possa ganhar minha vitória, apesar de que eu fui julgada 9 anos e 2 meses, mas eu vou vencer.

Tudo posso naquele que me fortalece.

Meus filhos Faney, Sara, Wesly, o maior presente que Deus me deu.

Maria Valdenice Silva. *Liberdade a Todas – Vire a Página*, número 3, dezembro de 2012.

Minha vida não é Dorian

Eu vou fazer 25 anos e até hoje não me lembro de um natal feliz desses que a propaganda de TV mostra. Quando eu era criança só lembro de meus pais sempre brigando.

Aos 13 anos comecei a usar drogas, assim como o meu pai fazia. Eu comecei a usar por causa dele: eu via ele fazendo e tinha vontade de fazer também.

Minha mãe, muito sofrida, trabalhava para cuidar de mim e dos meus dois irmãos Thiago e Diogo. Minha mãe comprava roupas e brinquedos. Depois disso, minhas lembranças dessas épocas foram corroídas pelo crack.

Mas se é pra pensar em feliz natal, penso um presente pra mim mesma: forças para abandonar as drogas. Sei que depende de mim, mas acredito em Deus e o menino Jesus Cristinho, que se faz um bebezinho nesse natal, está olhando por mim e me preparando para futuros natais felizes.

Feliz natal para as pessoas que eu amo. Feliz natal para as pessoas que eu respeito. Feliz natal pras pessoinhas que saíram de dentro de Caylane e Cauã.

Angelica. *Liberdade a Todas – Vire a Página*, número 3, dezembro de 2012.

Minhas filhas

Bom, quero começar pelo o que eu quero nesse natal. Tudo que eu mais queria era passar o natal com a minha família, com minhas filhas, com minha mãe, minha vó e meus irmãos, lá fora, no mundão. E não é só isso não: quero muita paz, amor, saúde e, o principal, a liberdade.

Queria tanto abraçar minha família e dizer o quanto eu amo eles, o quanto dói você estar presa sem poder ver ninguém da sua família, mas com muita fé em Deus eu vou sair daqui antes do natal.

Eu quero liberdade. Eu quero minhas filhas.

Bruna Leona. *Liberdade a Todas – Vire a Página*, número 3, dezembro de 2012.

Presídios: dia a dia

Trabalhar em presídios exige vontade e determinação. A sociedade destila o seu preconceito e somos obrigados a explicar a que se destina o nosso trabalho. Muitos acham que o preso não merece assistência, mas faz parte da função dos assistentes sociais buscar a ressocialização dos internos através também a garantia dos seus direitos. Mas a pergunta é: como garantir esses direitos dentro de um ambiente hostil em que os próprios envolvidos no processo não desejam ajudar?

Xô preconceito! Abaixo a ditadura nas prisões! Ressocialização já!

Sem autoria. *Ser Justo – O mundo quer falar com o Brasil* (produzido no curso de capacitação de assistentes sociais, psicólogos, educadores e estagiários da Secretaria de Justiça do Estado do Ceará), sem número, janeiro de 2013.

A esperança e descontração

A construção de fanzine dentro do presídio feminino Auri Moura Costa é muito importante para incentivar a leitura, escrita, como também rever os valores, sentimentos que muitas vezes elas não podem expressar por estarem privadas de liberdade, as histórias contadas por elas faz com que elas se sintam mais importantes e sonhando com futuro melhor.

Graciene. *Ser Justo – O mundo quer falar com o Brasil*, sem número, janeiro de 2013.

Faculdade do crime

A vida é difícil na prisão. Tudo se torna muito complicado aqui. Eu realmente vejo quem são meus amigos, realmente aqueles que se denominavam meus amigos, eles só queriam estar do meu lado pela

curtição, bebedeira que eu patrocinava. Mas, aqui dentro, todos me esqueceram, me abandonaram.

Aqui dentro fui roubado, enganado por pessoas que eu nunca imaginei que iriam fazer isso comigo. Agora eu vejo que eu tenho que lutar por mim para que eu possa sair e dar a volta por cima e mostrar pra todos que sou um vencedor e não um perdedor, como eles mesmo denominam.

Aqui dentro temos que nos vigiar diariamente porque se nos pegamos só na solidão, são mais de 250 homens, mas nenhum se importa com você: só você e Deus estão nessa luta diária contra o tempo, a solidão e o abandono dos familiares. Isso não é vida para um homem.

Todos sofremos discriminação da sociedade em si, mas nem todos os detentos são iguais a gente que foi preso no 155 (furto) e a cadeia o ensina a ser bandido de verdade, por isso, chamamos a cadeia de faculdade.

Mas chorar não adianta, o jogo é jogar pra sair, não para ficar preso. Sem autoria. *CPPL-3 – Vivência-B*, número 0, abril de 2014.

Eu tenho tudo

Vou falar um pouco da minha vida. Eu era menino novo, queria curtir a vida todo dia, ganhar dinheiro fácil e acabei me envolvendo no crime, virei traficante e pesado. Passei a ter tudo que eu queria: carro, muito dinheiro, mulheres, viagens e tudo do bom e do melhor.

Hoje estou preso e vi que isso que eu fiz não compensa, porque perdi a minha liberdade e nada paga a sua liberdade. Fui preso, já estou com 3 anos e ainda faltam 3 anos. Tô perdendo 6 anos da minha vida que nunca vai voltar.

Dentro da cadeia me viciiei em drogas, mas hoje, depois de ter quase morrido de uma overdose, Deus me libertou. Eu usava muita

química, fumava muito cigarro, hoje Deus me libertou, eu agradeço muito a Deus por ter me libertado e espero sair daqui e não voltar mais à vida do crime, quero sair daqui e nunca mais ter que voltar, porque aqui é muito ruim, eu já vi de tudo e já vi até morte. Daí pensei que não compensa eu ter perdido 7 anos da minha vida pra ter tudo fácil, eu tinha tudo e hoje perdi muita coisa e me arrependo.

Mas eu tenho tudo, pois tenho Deus na minha vida, ele é maravilhoso e me libertou. Tudo posso naquele que me fortalece. Obrigado Deus.

Jonas Andrade. *CPPL-3 – Vivência-B*, número 0, abril de 2014.

O valor da liberdade

Dia muito bom pra mim. 10 de abril. Foi a minha primeira audiência depois de cinco meses. Ao sair do xadrez, vivenciei ao ir para o fórum, fui observando as paisagens, as pessoas, os carros, as pessoas, os comércios, as lojas, enfim, tudo aquilo que a liberdade oferece à pessoa humana, para ver com nossos olhos e parecerem com nossas ideias, pois cada ideia é diferente.

Pois eu não sabia o quanto minha liberdade era valorosa, era bom, peço a Deus pra me dar minha liberdade de volta o mais rápido possível, pois é muito ruim você ser privado de sua liberdade. Peço a Deus todos os dias que ele venha me dar minha liberdade.

Só sei que tudo posso naquele que me fortalece. Deus é fiel.

Francisco Antonio Paulino. *CPPL-3 – Vivência-B*, número 0, abril de 2014.

Me ajude

Minha história é muito simples de se contar. Já estou nesse local há um ano e dois meses, sem ninguém, sem minha família, sem visita e também vejo o mundo como ninguém nessa cadeia.

É muito triste você não ter ninguém da sua família, isolado do mundo e de todos. É muito comum todos quererem a sua liberdade, sua família, mas nem todo dia você pode fazer o que você quer: ir numa praia, num passeio pelas ruas. Estou sem ninguém que olhe no fórum meu processo. Se você estiver na liberdade, lute por ela para não perdê-la. Estou procurando agora minha melhora.

Um dia quero ver minha mãe que há um ano e dois meses não vejo. Não tenho visita, quando vejo uma pessoa receber uma visita, fico muito triste.

Aqui na prisão é muito triste você não é nada pra muitos, mas também tem alguém que nos lembra e o senhor Jesus, ele sim não abandona nem esquece de ninguém.

Quem ler essa história, me ajude e vá no fórum e me ajude. Meu nome Francisco Nogueira da Silva, mãe Vilalba Nogueira Felix, pai Francisco Rocha da Silva.

Francisco Nogueira da Silva. *CPPL-3 – Na casa dos mil e seiscientos homens*, sem número, 2014.

Liberto na prisão

Olá, eu me chamo Francisco José Paulino, eu fui preso no dia 13 de novembro de 2013, cheguei na cadeia 9 dias depois.

Aos 12 anos de idade me apresentaram a maconha, cola, loló, solvente, álcool, cocaína, repinol, aranha e o pior de todas as drogas, destruidora de lares e devastadora: o crack. Foi aí que abandonei os estudos e fui pro crime. Fui preso em 2010, na Penitenciária do Carrapixo, saí em um estado pior.

Hoje é diferente, ano passado conheci uma pessoa que me ajudou muito, transformou o impossível em um estado possível. Conheci

Jesus aqui na cadeia, caro leitor, existe algo impossível na sua vida, entregue nas mãos de Cristo, ele vai te ajudar, dê um passo para ele.

“Conheceis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32). Ele vai te ajudar, é só crer. Amém.

Francisco José Paulino. *CPPL-3 – Na casa dos mil e seiscentos homens*, sem número, 2014.

Desabafo

Senhora assistente social, eu fui para a tranca inocente: pessoas da cela formaram contra a minha pessoa, só porque eu não usava drogas e nem fui ser telemar. Telemar é roubo pelo celular. Eu sempre fui honesto e trabalhador fora desse presídio. Eu sou um ótimo porteiro e tenho vinte anos de profissão e trabalho no condomínio Santos Dumont e outra: jamais vou ser bandido. Eu vou ser sempre honesto e trabalhador.

Quero falar pra senhora que nessas tranças tem muitas pessoas inocentes, que é vítima do próprio sistema da rua e da cela, porque quem não dá lucro pra cela, eles formam contra a pessoa e os chefes da rua falam um monte de mentira pros agentes para que eles coloquem as pessoas inocentes na tranca. Enquanto isso, os certos na tranca e o errado vendendo droga e roubando nos celulares. Eles não vão pra tranca porque eles fazem parte do sistema da rua e da cela.

Eu era da rua F, eu estava na cela [ilegível].

Sem autoria. *CPPL-3 – Na casa dos mil e seiscentos homens*, sem número, 2014.

Editorial

Observando a situação das gays, bissexuais, travestis e transexuais do Sistema Penitenciário do Ceará, observei alguns dilemas. Primeiro, o machismo dominante entre os internos tenha a população carcerária LGBTT vítima de opressão. São os excluídos dentre os excluídos.

Observei também a incapacidade do Estado de elaborar políticas públicas para os diferentes entre os detentos. A assistência e a prevenção de DSTs tinha a situação ainda mais agravante. Há um sério desrespeito aos direitos humanos e violação dos direitos de liberdade de gênero quando travestis e transexuais são submetidas a tratamento degradante e moralmente intolerável.

Enfim, o Sistema e a política estadual de detento LGBTT é um fracasso.

Clayton Menezes. *Só Babado*, sem número, maio de 2014.

Coração fechado

Penso que dentro do sistema carcerário há muitas regras bobas e restrições sem sentido. Quando entrei nesse presídio, cortaram meu cabelo e passei por um grande trauma psicológico em ter que se vestir como homem à força, por uma questão de preconceito.

Chorei muito, mas Deus me consolou, estou perto de sair, vou me refazer e voltar a ser feliz. Serviu como aprendizagem para não mais errar e tenho certeza que vou ser feliz!

O amor só é amor quando dois corações e unem em um só coração, um só coração!!! Ou seja, dois homens se unem em um só coração, um só coração.

A pior prisão é um coração fechado.

Paula. *Só Babado*, sem número, maio de 2014.

Felicidade

- Ouvir que elas não ficam nuas no sol quente, nas vistorias, por serem travestis;
- Que não recebem mais spray de pimenta no rosto por estarem de calcinha;
- Que seus cabelos não são mais cortados ao chegarem na cadeia;
- Respeito ao seu nome social;
- Que suas maquiagens e suas calcinhas não foram para o lixo depois da vistoria.

Travestis: Direitos garantidos.

Sem autoria. *Só Babado*, número 6, maio de 2015.

Poesia sem preconceito

Sou gay, sou poeta popular de Fortaleza

Em casa e na noite sou transformista

E me espelho em minhas divas

Veja que dediquei esse verso com muita presteza, para todas as pessoas que ajudam o Projeto Meninas que Encantam e para vocês esse pequeno agradecimento, o direito é meu forte, pode ter certeza.

O Brasil não é homofóbico (só que não).

Sem autoria. *Só Babado – 1 ano de movimento e visibilidade homossexual na CPPLIII*, número 6, maio de 2015.

A resignificação da tragédia

Tudo parece que começou ontem. Nem percebemos... quando demos por conta já se passou 1 ano. **Não**. Prefiro refazer essa frase: tudo realmente aconteceu há muito tempo. Percebemos cada minuto vivido. E quando paramos para contabilizar, notamos que passamos por longos 365 dias.

A analogia de ser rápido ou não a passagem do tempo, deve-se tão somente à ressignificação que damos a cada dia. Por exemplo: os dias gastos com lazer e com atividades profissionais laborativas geralmente são as mais prazerosas e as menos notadas e marcantes. Enquanto que, os dias dedicados às lutas e conquistas são os que nos requer mais energia e são os mais longos e dolorosos dias.

Temos a tendência natural de usarmos as nossas tragédias pessoais como marcos em nossas vidas. E esquecemos que, enquanto tivemos algumas dezenas de dias ruins em 1 ano, por outro lado, vivemos centenas de bons e alegres dias.

É sobre esses pequenos, mas dolorosos dias que nos marcam profundamente e dilaceram nossas almas que eu gostaria de escrever.

Seria demasiado clichê dissertar neste pequeno espaço sobre temas tão empíricos como: ressocialização; mudança de rumo; dar a volta por cima... Enfim, uma infinidade de frasezinhas de autoajuda dedicados a todas as pessoas quando estão em seus momentos de dissabores.

Quero aqui falar o que realmente sucedeu a quem está aqui do lado de dentro da exclusão. Dentro do sistema penitenciário.

É preciso ressignificar a nossa dor. O filósofo Jean Paul Sartre disse que o importante não é o erro, a tragédia em si, não significa nada, e o passado é mutável a partir da ressignificação de damos ao que de ruim nos aconteceu.

O nosso último ano aqui dentro foi exatamente nessa tentativa de ressignificação da tragédia que nos trouxe aqui com apoio da Assistência Social e da direção da CPPL-III, demos início a reuniões da população LGBT encarcerada.

As reuniões foram se realizando e as coisas acontecendo, montamos espetáculos de dança e de teatro; tivemos maior assistência à

saúde, fizemos vários fanzines, enfim, ganhamos visibilidade. Afinal, quem não é visto, não é lembrado.

E nessa visão do... Eu... da dor... da tragédia... existimos. E a máxima do mestre do existencialismo nos inspira a refletir sobre nossa real essência.

Clayton Menezes. *Só Babado – 1 ano de movimento e visibilidade homossexual na CPPLIII*, número 6, maio de 2015.

Glossário

Arranha-céu: bolacha quadrada que dói no céu da boca

Química: leite

Parada errada: linguíça

Coruja: cueca

Relíquia: bolacha doce

Catatau: carta-recado

Resgatar: casar ou ajudar

Comarca: beliche

Bôjo: aparelho sanitário

Mancada: ovo

Embalagem: gás (feito de embalagens plásticas)

Corredeira d'água: pessoas que se metem em confusão

Flayr: X9, pessoa que entrega o outro

Cona: homossexual velho

Fiel: quentinhas de comida

Tinta: caneta

Peidar para dentro: prometer e não cumprir

Sem autoria. *Só Babado – 1 ano de movimento e visibilidade homossexual na CPPLIII*, número 6, maio de 2015.

Rebelião

Como foi? Achamos que naquele momento que seria o fim, tudo foi destruído, tudo veio ao chão, o medo assustou, o fogo queimou. Achamos que naquele momento que iríamos morrer, pois a hora de lutar pela vida, não sabíamos o que estava acontecendo. Porque tanto fogo, porque tanta violência, ouvíamos gritos de socorro, o pânico tomou conta de tudo.

A fuga? Tentamos fugir pela porta, mas o fogo tomou conta de tudo, tentamos fugir quebrando o cogobó, o teto desabou, e quase morremos soterrados. Entre os presos, nos ajudamos a sair daquele lugar, fugimos no meio do mato, muitos idosos ficaram para trás, ouvíamos gritos, pedidos de socorro e não tinha ninguém naquele momento pra nos ajudar.

Agentes penitenciários? Foram os primeiros a fugir daquela situação.

Quando fugimos, deixando as ruas E e F, ficamos todos encurralados dentro do pedregulho que é um quadrado a céu aberto, todo aramado e com o chão de pedregulho. Ficamos lá. Era, ao todo, juntando as duas ruas, uns 1000 homens. Era uns em cima dos outros, tudo junto. Bicha, irmão, velho e novo, nego de todo jeito e com medo. Entregamos a alma a Deus.

Ficamos mais de 24 horas sem água, com fome, no sereno e no sol quente. Tipo se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. De um lado, um bando de cães raivosos e, do outro, polícia armada, pronta para atirar contra a gente no menor sinal que a gente pudesse se rebelar.

Aí, lá pelas tantas... já no outro dia, com o sol escaldando, nós e os idosos já estavam desmaiando, outros feridos queimados sem aguentar mais sofrimento. Levaram a gente para outro lugar que é um presídio em construção. Nos colocaram numa ala sem água e

nem banheiro. Tudo bem! Tem quem diga que Deus quem quis assim. Devemos agradecer por termos saído com vida.

Também teve uns agentes que nos ajudaram a sair e se livrar, derubando parede para a gente chegar até o pedregulho e ficar na segurança. Vou dizer, viu? Era pra ter morrido muita gente, se a gente não tivesse conseguido sair pelo buraco.

Sofremos muito. Depois de tudo, pensamos que já estava tudo bem, fomos arrastados para outro lugar, outro presídio, que é a CPPL6, que está também em construção. Esse lugar parecia a caldeira do inferno. Desse lugar fugiram um bocado. Aí voltamos para o mesmo lugar de antes, a CPPL5. Era gente sendo tangido como bicho pra lá e pra cá. Ainda mais pela polícia, com toda delicadeza, pra não dizer o contrário, e, em altas horas da noite. Agora a gente vive a segunda batalha.

Na quadra da CPPL5 é onde acontece a luta por um pedaço de chão. Uns contra os outros, para poder se estirar no chão. O corpo cansado de não fazer nada, só espera por justiça. Tudo que a gente pode fazer para ter um pouco de paz, a gente faz.

Pra você ter uma ideia, estamos até fazendo papel de agente, passando a noite acordado, vigiando uns aos outros para ninguém fugir, pensando que assim vamos ter a garantia de não ser punido e não voltar pra CPPL3.

Agora eu pergunto: qual é a ressocialização que o sistema dá pra gente????

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Esclarecendo

Você que está lendo, fique sabendo, nós, GBTT encarcerados, somos contra o desperdício da vida, queremos viver, queremos amar, queremos ser pessoas capazes de conviver com os outros em um ambiente mais limpo, mais cheiroso, mais seguro, com mais dignidade.

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Tire-nos daqui

Não fizemos desordem, não quebramos a cadeia, não incendiámos a enfermaria, não destruimos a escola. Então, por que estamos aqui ainda?

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Onde não tem paz, não tem progresso

Se for pra nos colocar na CPPL3, é melhor levar um tiro logo dos agentes. Pois prefiro morrer em pé, do que viver ajoelhado pra bandido. Quero pagar o que eu devo à justiça VIVO. Querem colocar ovelhas no meio dos lobos para morrer.

* Os adoradores de Bolsonaro estão tudo aqui dentro!

* A morte de cada um do dia da rebelião tem assinatura deles (agentes)!

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Amor em tempos difíceis

Sempre após uma tempestade nasce o sol, depois de uma tormenta, vem a calmaria...

O amor tudo suporta, por isso, pedimos que nossos maridos continuem ao nosso lado mesmo quando houver transferência geral.

Mesmo em situações difíceis, nosso sentimento prevalece, pois a nossa luta é pela paz e harmonia. Esperamos em Deus que conduza nosso destino e nos dê vitória...

Reivindicamos também que nossos pertences, alimentação etc., sejam preservados e não nos tire esse benefício quando formos transferidos, pois nossas famílias lutam junto conosco arduamente nessa fase.

Então, suplicamos que, no dia da transparência, nossos pertences sejam todos preservados pois já tivemos muitos prejuízos com os últimos acontecimentos.

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Estamos longe, mas as ameaças continuam

Outro dia uma bicha foi para o fórum e voltou toda se tremendo. Da cor desse papel pois, segundo ela, um cara chegou para ela e disse que avisasse a todas nós que se a gente voltasse pra CPPL3 nós vamos todas morrer, que nossas cabeças iam ser arrancadas e colocadas dentro das quentinhas, pra quem quisesse ver.

Eu acredito que isso possa acontecer. Homofobia é o que não falta nesse mundo. Aqui nem se fala. A gente já sabia que isso podia acontecer, eles avisaram. A direção sabia de tudo.

Sem autoria. *Só Babado*, número 9, junho de 2016.

Editorial

Lembro-me como se fosse hoje. Era dia 1º de abril de 2014, quando cheguei na unidade prisional CPPL-3. Lá encontrei um pequeno grupo de gays e travestis que, timidamente, se confundiam na imensa massa carcerária.

Não tinham voz, não tinha ativismo LGBT, não se preocupavam em se destacarem. Algumas travestis até se conformavam em serem submissas nas relações homoafetivas.

Aquele estado de subserviência, onde o machismo imperava, me incomodava. Eu vinha do ativismo LGBT na liberdade e sentia necessidade de continuar no ativismo. Algo precisaria ser feito.

Com o apoio da liderança da Vivência onde morávamos, organizamos um abaixo-assinado com as gays e as travestis e o encaminhamos para a assistente social da unidade, Jô Acioly, que, de imediato, nos convidou para elaborarmos nosso primeiro fanzine intitulado *Só Babado*.

O ativismo LGBT dentro do cárcere nasceu espontâneo, mas nasceu forte. Em pouco tempo já havia políticas públicas de afirmação ao nosso respeito e à nossa dignidade.

Como política de estado, a Vivência “E” da CPPL-3 foi designada pra ser aquela que receberia todas as LGBTs do Sistema Penitenciário do Ceará.

Agora não tínhamos somente uma Vivência que nos recebesse. Tínhamos também visibilidade, políticas voltadas à saúde e à autoestima. Uma das maiores lutas foi evitar que as travestis tivessem os seus cabelos cortados quando chegassem ao cárcere e também o respeito ao nome social.

Claro que todas as conquistas não foram dadas de mãos beijadas. Tivemos muita luta contra os internos machistas e homofóbicos. Muitas de nós, inclusive eu, vivia na tranca (isolamento e local de castigo) por defender os direitos das LGBTs encarceradas.

Foram três anos de luta que valeram a pena. Muita dor, mais muitos frutos bons colhidos dessa sementeira que marcou nossas vidas. Cada uma das gays e travestis que assinaram aquele abaixo-assina-

do em abril de 2014 são as verdadeiras fundadoras desta unidade, onde agora nos reunimos.

Viva as ativistas LGBT, principalmente as fundadoras desse ativismo!

Clayton Menezes Maranguape. *Só Babado – 3 anos de luta LGBT no sistema*, número 16, julho de 2017.

Mesmo assim iremos lutar

Lutamos para que tudo isso pudesse acontecer, foi preciso que algumas perdessem os cabelos e que toda a nossa essência fosse tirada, mas nosso projeto continuou a avançar. Pedimos respeito e foi dado, pedimos dignidade e fomos ouvidos. Não podemos parar, temos muito o que lutar.

Faz 3 anos que existe essa luta e que não pode parar. Não tire de nós tudo que conquistamos, pedimos apoio a todos para poder avançar para melhorar, para que essa luta não seja esquecida. Pedimos para melhorar, para que a nossa história não morra aqui.

Agradecemos a todos que nos ajuda na luta. Somos gratos a todos que fizeram ser possível essa luta.

Hoje muita coisa mudou, pedimos para que melhore, ainda lutamos por respeito e dignidade com tudo isso, ainda vamos lutar.

Paulinha Barbosa. *Só Babado – 3 anos de luta LGBT no sistema*, número 16, julho de 2017.

Lei injusta

No meu ponto de vista, esta Lei Maria da Penha não está sendo bem conduzida porque, no entanto, está acabando com várias famílias. Tem mulheres que estão abusando ou se aproveitando dessa Lei. As autoridades ou órgãos competentes não estão ouvindo am-

bas as partes, só estão prendendo o pai de família trabalhador e jogando dentro de uma prisão.

Eu estou bastante indignado com essa Lei, eu acho que ela tem que ser bem analisada pelas autoridades que governam esse país!

Estou muito triste com o fim da minha família.

Marcos Antonio Nascimento de Sousa. *A Esperança do Preso – Povo do Imelda*, sem número, setembro de 2016.

Dói demais

Estou aqui preso e vou expressar o que sinto em música, porque sou músico lá fora e queria dizer isso à minha esposa...

“Dói demais saber que eu errei e não poder voltar atrás,
olhando nos teus olhos, não me vejo mais,
querer viver agora o que antes eu vivi,
tudo bem, mereço a solidão por te fazer sofrer
esqueço até de mim, mas não consigo te esquecer
eu sei que ninguém pode nem vai te fazer feliz,
lembro quantas vezes você me dizia,
que me amava e eu não correspondia,
quantas lágrimas eu vi rolar no teu olhar,
agora eu sei que eu te amava e não sabia,
eu não pensei que o nosso lance acabaria,
me conformar que eu te perdi, eu já tentei, não dá
meu grande amor, até te peço pelo o amor de Deus,
me aceite novamente e perdoe pelos erros meus
eu sei que demorei amor, ainda é tempo de recomeçar
eu juro nunca mais te machucar!!!”

Francisco Welder dos Santos (Rua C, X-06). *A Esperança do Preso – Povo do Imelda*, sem número, setembro de 2016.

Minha mulher, minha vida

No momento, estou arrasado... pois nunca pensei em cometer algum crime e de estar na situação em que estou.

Sou um trabalhador, minhas contas em dia, e as pessoas sentem inveja e isso que aconteceu foi uma armadilha. Aconteceu muita discussão por causa de bebidas, ao ponto de discutir com minha mulher.

Nunca pensei estar nessa situação e eu creio que, quando eu sair daqui, vou pedir minha mulher em casamento e, junto com ela, servir a Cristo.

Estou muito arrependido, pois considero minha mulher a minha vida. Desde já peço perdão.

Mairton Martins de Souza. *A Esperança do Preso – Povo do Imelda*, sem número, setembro de 2016.



Márcio Sno

Nascido em 1975, é paulista, zineiro, jornalista, ilustrador, pesquisador, oficinairo e educador.

Criador do personagem Encostinho, o diabinho gente boa. Nos anos 1990 editou diversos zines e colaborou para muitos outros no Brasil e exterior. No mesmo período fez ilustrações para bandas e zines. A partir de 2005 passou a coordenar diversas oficinas de Zines, Brinquedos de Papel e Histórias em Quadrinhos para crianças, adolescentes, jovens, educadores e público em geral, em escolas, universidades, bibliotecas, ONGs, centros culturais e unidades do SESC. Entre 2011 e 2013 lançou três capítulos da série de documentários *Fanzineiros do Século Passado*, que já foi exibido em todo o Brasil e países como Canadá, Inglaterra, Turquia, Argentina e Belarus. Em 2015 lançou seu primeiro livro *O Universo Paralelo dos Zines* (TimoZine). Idealizou e ilustrou em 2017 o livro *Haicobra* (Bambolê), com textos de Fabio Maciel e selecionado no Catálogo FNLIJ – Bolonha 2018. Organizador do livro *A Primeira Vez* (Marca de Fantasia, 2020).
marciosnoproduct@gmail.com



Thina Curtis

Conhecida no meio das publicações como “Dona Fanzine”, é poetisa, editora, quadrinista, produtora cultural de Artes, sem medidas e fronteiras. É responsável pelo evento itinerante e feira de fanzines e publicações independentes Fanzinada.

Como educadora já ministrou diversas oficinas de poesia, fanzines, quadrinhos e práticas de leitura para diversos públicos, desde crianças até professores, como no *Seminário de Educação da Rede Municipal de Educação de Bauru*, para professores de Arte de São Caetano do Sul/SP e formação para bibliotecários e professores na Integração Literária da Rede de Bibliotecas da Rota Romântica em Picada Café/RS. Em suas oficinas, a literatura e a informação reforçam o senso crítico pela cidadania e consciência em debates sociais e culturais. Já circulou pelos principais espaços culturais do Grande ABC-DRRM, Grande São Paulo, São Paulo, interior e outros estados.

Em 2017, ao lado da Ilustradora Fabi Menassi, conquistou o 33° *Troféu Angelo Agostini* na categoria “Melhor Fanzine de Quadrinhos” com o *Café Ilustrado*.

Tornou-se patrona da Fanzinoteca Municipal de Barueri Thina Curtis, dentro na Gibiteka Prof. Max Zendrom, em abril de 2019.

Recentemente recebeu a homenagem do Instituto Federal Fluminense (Macaé/RJ) com o “Acervo Feminista Thina Curtis”.

thinacurtis@hotmail.com



João Francisco Aguiar

Conhecido como Professor Jofra, João Francisco Aguiar descobriu a arte dos fanzines sentado num banco de praça, em 1996. Era uma noite quente na pequena Serrana, no interior de São Paulo. A partir disso, não parou mais. Ajudou a produzir e colaborou de 1996 a 2002 no fanzine *Sindicato do Rock*, em 2003 editou com os amigos, Murilo e Leandro o *Âncora Zine*. Ainda estudante de Letras, começou um pouco sem jeito suas oficinas de fanzine nas prisões, mas aprendeu com o tempo a fanzinar entre grades. Hoje, dá aulas em escolas públicas, ministra oficinas, bate-papos e palestras sobre zines em escolas, faculdades, feiras do livro e eventos culturais. Membro ativo do Coletivo Z e coordenador da Zineteca Glauco Villas Boas, no CECAC, em Serrana/SP. No momento, está produzindo, em parceria com o Coletivo Trem Cultural, o documentário *A Arte do Papel: Trajetória dos Fanzines na Alta Mogiana*. Sempre que tem um tempo, descansa num banco de praça à sombra das árvores de sua pequena cidade.
professorjofra@hotmail.com



Jô Feitosa

Josefa Feitosa Acioly formou-se como Assistente Social pela Universidade Estadual do Ceará e pós-graduada em Gestão de Segurança Penitenciária e Psicodrama. Possui experiência com mulheres presas em instituições como Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, CPPL III; em ações itinerantes promovidas pelo PACAD em diversos presídios na formação de equipes de trabalho; no Instituto Penal Paulo Sarasate, com homens e no Manicômio Judiciário. Também foi professora da UVA (Universidade Vale do Acaraú) e UECE (Universidade Estadual do Ceará) nos cursos para profissionais da área da Segurança Pública do Estado do Ceará. Seu trabalho já foi reconhecido em Portugal pela Universidade de Coimbra, onde fez palestra e exibiu o documentário *Close*, assim como no Festival Feminista de Porto, em março de 2017. Hoje, aposentada, viaja pelo mundo, com o objetivo de conhecer 70 países até completar 70 anos. josefafeitosaacioly@gmail.com

